



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

SONIA MARIA DE OLIVEIRA DANTAS

**O INVENTÁRIO DAS CASAS DE MADEIRA NA
REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA/PR:
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES**

SONIA MARIA DE OLIVEIRA DANTAS

**O INVENTÁRIO DAS CASAS DE MADEIRA NA
REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA/PR:
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentando ao Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Wander de Lara Proença

Londrina
2016

SONIA MARIA DE OLIVEIRA DANTAS

**O INVENTÁRIO DAS CASAS DE MADEIRA NA
REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA/PR:
HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS MORADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentando ao Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do grau de licenciatura em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wander de Lara Proença (orientador)
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Me. Rosely Maria de Lima
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Marcio Santos de Santana
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 06 de março de 2017.

A meu querido e amado avô, João Fernandes de Oliveira (em memória), que me encantava com suas histórias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me colocou nesta universidade quando estava passando por um momento muito difícil na minha vida. Mas, em todos os momentos Ele esteve comigo, me ajudando durante os quatro anos de graduação e me dando forças a continuar o curso e seguir em frente.

A meus queridos pais, Helio e Cirene, que batalharam muito para que eu pudesse estudar. Meu pai trabalhava de dia e de noite para sustentar a família e minha mãe trabalhava como faxineira para ajudá-lo nas despesas do lar. Ela não está mais aqui, mas tudo que sou eu devo a ela. Amo muito vocês!

Ao pai de nossos filhos, Sérgio, que me ajudou financeiramente e em várias ocasiões colocou meus trabalhos nas normas da ABNT. A meu Filho Gabriel, que sempre me ajudava no computador, quando eu não sabia fazer alguma coisa.

Aos meus queridos filhos, Gabriel, Tales e João. Razão da minha vida e do meu viver. Amo muito vocês!

A meu orientador, Wander, pela orientação no trabalho, por ser um excelente professor e alguém que admiro.

À professora Rosely Lima, por nossas conversas durante o intervalo das aulas. Te admiro muito como pessoa e excelente profissional.

Ao professor Márcio Santana, por aceitar o convite.

À professora Zueleide Casagrande de Paula, pela orientação na pesquisa das casas de madeira, pela ajuda durante e após as aulas; quando não entendia alguma coisa, ela sempre tinha paciência para me ensinar. Aprendi muito com você. Admiro você e seu trabalho como mestre. A universidade Estadual de Londrina perdeu uma grande professora, agora aposentada.

Amigo é Casa

Amigo é feito casa que se faz aos poucos e
com paciência pra durar para sempre, mas é
preciso ter muito tijolo e terra, preparar reboco,
construir tramelas.

Usar a sapiência de um João-de-barro que
constrói com arte a sua residência, há que o
alicerce seja muito resistente, que às chuvas e
aos ventos possa então a proteger.

E há que fincar muito jequitibá e vigas de
jatobá e adubar o jardim e plantar muita flor,
toiceiras de resedás, não falte um
caramanchão pros tempos idos lembrar que os
cabelos brancos vão surgindo que nem mato
na roceira que mal dá pra capinar.

(Zélia Duncan)

DANTAS, Sonia Maria de Oliveira. **O Inventário das Casas de Madeira na Região Central de Londrina/PR: histórias e memórias dos moradores.** 2017. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com base em fontes produzidas pelo subprojeto “O Inventário das Casas de Madeira da Região Central de Londrina – PR”. Durante o processo de visitação, foi verificado não somente o material, constituído na casa de madeira, mas também o imaterial, que envolve a subjetividade de cada morador, em suas histórias, memórias, lembranças e recorda es de um passado ainda presente em seus relatos. A proposta é mostrar o significado da casa, não somente como moradia, mas como o primeiro mundo do ser humano, lugar de afeto, morada da alma, dos sentimentos e das emo es. A casa de madeira e sua história faz parte do tema escolhido, pois elas contemplam a memória histórica da cidade em seu início. A casa de madeira tem um valor afetivo ao morador, entretanto, o valor econ mico das grandes construtoras da cidade tem destruído o que ainda resta delas no centro da cidade. Tanto a memória individual quanto a memória coletiva se aglomeram em uma só, tornando-se coletivas. Nesse sentido, pretende-se mostrar os relatos de alguns moradores das casas de madeira na região central de Londrina, analisando tais depoimentos, destacando esses pensamentos vinculados ao que os autores dizem sobre isso. Finalizando, descrever-se-  o silêncio das casas de madeira da região central, pois esse silêncio se forma no desaparecimento das mesmas do centro da cidade.

Palavras-chave: Inventário. Casas de Madeira. História. Memória.

DANTAS, Sonia Maria de Oliveira. **La Inventario de las Casas de Madera en la región central de Londrina**: historias y recuerdos de los residentes. 2017. 69 f. Proyecto final de curso (Graduación em Historia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMEN

Este trabajo se desarrolló con base en fuentes producido por el subproyecto “La Inventario de las Casas de Madera en la región central de Londrina – PR”. Durante el proceso de visitación, fue probado no sólo el material que consiste en la casa de madera, sino también lo intangible, que la subjetividad de cada residente, en sus historias, recuerdos, de un pasado aún presente en sus informes. La propuesta consiste en mostrar el significado de la casa, no sólo como vivienda, pero como primer ser humano en el mundo, un lugar de afecto, morada del alma, sentimientos y emociones. La casa de madera y su historia es parte del tema elegido ya que contemplan la memoria histórica de la ciudad en su comienzo. La casa de madera tiene un valor sentimental para el residente, sin embargo, el valor económico de la gran construcción de la ciudad ha destruido lo que queda en el centro de la ciudad. Tanto la memoria individual y la memoria colectiva se asocian en uno convirtiéndose colectiva. En este sentido, se pretende mostrar los informes de algunos residentes de las casas de madera en la zona central de Londrina, el análisis de esos testimonios, destacando aquellos pensamientos ligados a los autores dicen al respecto. Por último, describes al silencio de las casas de madera en la región central, porque este silencio se forma en la desaparición de la misma de el centro de la ciudad.

Palabras clave: Inventario. Casas de Madera. Historia. Memoria.

LISTA DE MAPA E FOTOGRAFIAS

Mapa do centro de Londrina em 2013.....	24
Fotografia 1 – Casa de madeira na Rua Uruguai.....	27
Fotografia 2 – Casa em demolição na Rua Brasil.....	65
Fotografia 3 – Terreno vazio na Rua Brasil onde era a casa de madeira.....	65
Fotografia 4 – Casa de madeira na Rua Tupi, demolida em 2015.....	67
Fotografia 5 – Terreno vazio na Rua Tupi, onde era a casa de madeira.....	67

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	O INVENTÁRIO DA CASA DE MADEIRA NA REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA/PR.....	16
2.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NO INVENTÁRIO DA CASA DE MADEIRA.....	20
2.2	CASA: NOSSO PRIMEIRO MUNDO.....	24
2.3	A CASA DE MADEIRA E SUA HISTÓRIA.....	27
2.4	CASA DE MADEIRA: O VALOR DA MEMÓRIA AFETIVA FRENTE AO VALOR ECONÔMICO	33
2.4.1	A HISTÓRIA E MEMÓRIA AFETIVA DOS ANTIGOS MORADORES DAS CASAS DE MADEIRA DE LONDRINA.....	33
3.	O SILÊNCIO DAS CASAS DE MADEIRA NA REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA.....	39
3.1	A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA A PARTIR DOS RELATOS DE ALGUNS MORADORES DAS CASAS DE MADEIRA.....	39
3.2	ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DOS MORADORES DAS CASAS DE MADEIRA NA REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA.....	47
3.3	O SILÊNCIO.....	52
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
	REFERÊNCIAS.....	73
	ANEXOS.....	79
	ANEXO A – FICHA CATALOGRÁFICA DO INVENTÁRIO DAS CASAS DE MADEIRA.....	80
	ANEXO B – TERMO DE DOAÇÃO AO NDPH- NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA	82
	ANEXO C – TERMO DE DOAÇÃO AO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA.....	83

1 INTRODUÇÃO

Doravante, a história deixa de ser uma ciência serena e indiferente. Ela se abre às preocupações contemporâneas de que é uma expressão. (Ariès, 1989, p.246)

Neste trabalho, pretende-se destacar o modelo do inventário da casa de madeira e de como a pesquisa foi realizada dentro da cidade de Londrina, na região central, tendo a intenção de recolher informações dos moradores dessas casas, da história e memória que as mesmas representam ao morador e na região, enfatizando como muitas casas incorporam o cenário e a paisagem londrinense, revelando uma memória local e urbana.

A pesquisa de campo foi construída oralmente e com depoimentos dos moradores, sendo realizada na pesquisa de Iniciação Científica designada “O Inventário das Casas de Madeira na Região Central de Londrina – PR”, tendo como orientadora a professora Zueleide Casagrande de Paula, na época professora de Introdução à História da Universidade Estadual de Londrina. Nesse sentido, a pesquisa fundamentou-se no objetivo de inventariar a casa de madeira por meio da visitação às residências, colhendo informações da casa, o tempo de sua existência, quantas pessoas nela residem, como resistiu à especulação imobiliária na região central, entre outras informações, pois as casas ainda fazem parte da paisagem urbana de Londrina. Essas informações incluirão somente o proprietário morador. Dos inquilinos, moradores de aluguéis, buscou-se saber a localização do proprietário. A relevância da documentação referente às casas de madeira na cidade de Londrina aponta estudos e aprofundamentos de pesquisas históricas e seu pertencimento em relação as mesmas.

Através da visitação às casas, trabalhou-se o inventário catalogado em uma ficha para coleta de informações, na qual algumas perguntas foram formuladas, sendo elas: data da entrevista; horário da entrevista; endereço da casa; nome dos entrevistados; nome da equipe; tipo de residência/moradia; se é aluguel ou do proprietário; nome do proprietário; nome do locatário; metragem do terreno; se a casa é mista, toda de madeira ou outro; quantidade de casas no terreno, metragem da casa ou casas; anos de existência da casa ou casas; tipologia; tipo de janela; tipo de porta; tipo de piso; tipo de telhado; tipo de forração; quantidade de

compartimentos; se existem áreas de entorno construídas e áreas de entorno vazias; se a casa tem jardim; horta; tipo de portão; se a casa faz barulho nas paredes, chão ou outro; quantas pessoas moram na casa; identificação de sexo, idade; o que a casa de madeira representa para o morador e observação.

A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2013 a junho de 2014 e teve uma duração de dez meses de visitação as casas, constando um total de 121 casas de madeira localizadas na região central de Londrina, com 42 ruas pesquisadas. Dessas 42 ruas pesquisadas, 24 delas contem as casas de madeira, sendo as Ruas: Uruguai, Tupi, Maranhão, Santa Catarina, Goiás, Espírito Santo, Alagoas, Sergipe, Santos, Pará, Benjamin Constant, Duque de Caxias, Professor João Cândido, Cambará, Belo Horizonte, Avenida São Paulo, Rio de Janeiro, avenida Juscelino Kubitschek, Pio XII, Piauí, Pernambuco, Brasil, Prefeito Hugo Cabral e Paranaguá. Existe também, 18 ruas sem casas de madeira, são elas: Alameda Manoel Ribas, Alameda Miguel Blasi, Andirá, Avenida Celso Garcia Cid, Farrapos, Avenida Higienópolis, São Jerônimo, Itararé, Pistóia, Avenida Paraná, Travessa Padre Eugênio Herter, Travessa Padre Bernardo Greis, Francisco de Assis, Anita Garibaldi, Quintino Bocaiúva, Mato Grosso, Senador Souza Naves e Minas Gerais. A Rua Uruguai, foi a rua com a maior quantidade de casas de madeira, constando 22 casas.

É importante ressaltar que, o centro de Londrina nas décadas de 1930, 1940 e 1950 era bem diferente de 2013. Uma moradora relatou que o centro de Londrina na década de 1950 chegava somente até a Santa Casa, pois ainda não existiam todas as ruas da cidade. Devido a este fato, pretendemos colocar neste trabalho de conclusão de curso, um mapa delimitando a área de estudo, ou seja, um mapa de algumas ruas pesquisadas em 2013.

Em julho de 2015, a pesquisa foi finalizada com uma exposição sobre as casas de madeira no Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, tendo como tema: “Fazer, morar: as casas de madeira do centro de Londrina”, na qual foram expostas fotografias das casas de madeira, textos escritos sobre a história e memória dos moradores e objetos antigos. A casa de madeira hoje constitui um debate atual, devido a esse fato, a exposição teve grande repercussão por parte da mídia, atraindo jornais e a televisão. A população de Londrina também foi convidada a participar através da mídia, assim como os moradores das casas de madeira, com a participação de uma moradora da Avenida Juscelino Kubitschek no

Jornal da Tarobá, falando o que a casa representa a ela. Este trabalho tem como propósito disponibilizar as informações para futuras pesquisas ao CDPH – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL – Universidade Estadual de Londrina, que hoje se chama NDPH - Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica e Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss.

Pretende-se construir uma narrativa sobre a história e memória afetiva de alguns moradores das casas de madeira do centro da cidade de Londrina. O valor afetivo, frente ao valor econômico das casas de madeira, revela a alguns moradores que a afeição pela casa é mais relevante que o dinheiro ou qualquer outro produto que as grandes empresas construtores da cidade lhes oferecem.

A casa como primeiro mundo das pessoas, é um dos pontos desse trabalho, pois a casa é o lugar onde se forma a sociabilidade do ser humano. A história das primeiras habitações, a memória individual e coletiva que se forma nos grupos sociais. A análise dos depoimentos dos vários indivíduos que compõem a casa, os seus modos em relação à pesquisa e a relevância que a casa possui ou não a seus habitantes. O silêncio é outro fator importante, pois revela o desaparecimento das casas de madeira, quase todos os dias, da paisagem urbana central.

A escolha do tema é relevante, devido ao fato de mostrar como as pesquisas sobre as casas de madeira foram desenvolvidas e como a história e memória de cada habitante é importante para si e para o coletivo que envolve a sociedade londrinense. Pretende-se trabalhar as casas de madeira, consolidadas não somente no material, da peroba-rosa, mas no imaterial das histórias, memórias e lembranças das pessoas que moram nelas. Apesar da grande maioria dos moradores relatarem que a casa era feita de peroba rosa, nem todas as casas eram de peroba rosa, pois havia outras árvores no local que também eram utilizadas nas construções, trazendo uma distinção nas formas de edificações.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso, é analisar as representações das casas de madeira ainda existentes na área central de Londrina, a partir da história e memória afetiva de seus moradores e, o silêncio que envolve essas casas que estão desaparecendo dia após dia, dessa região.

Como objetivos específicos, procurou-se analisar as representações das casas de madeira ainda existentes no centro da cidade, a partir da memória afetiva de seus moradores; estabelecer comparativos entre as memórias dos

moradores e as representações que essas edificações possuem para o morador e para outros segmentos da cidade, por exemplo, o setor imobiliário; e, finalmente, compreender os obstáculos para a preservação patrimonial memorialística das casas de madeira em uma cidade nova, caracterizada pelo progresso e a modernidade.

Neste trabalho, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- descrever como o inventário das casas de madeira foi realizado na região central de Londrina;
- investigar a relevância da casa como primeiro lugar do mundo do ser humano;
- relatar a história da casa de madeira na cidade de Londrina;
- abordar o valor da memória afetiva do morador para com a casa de madeira em contraposição ao valor econômico;
- mencionar a importância da memória individual e coletiva nos relatos de alguns moradores das casas de madeira;
- analisar os depoimentos dos moradores das casas de madeira;
- investigar o silêncio das casas de Madeira que estão desaparecendo da região central da cidade de Londrina.

Este trabalho foi desenvolvido em duas seções (2 e 3). Na seção 2, pretende-se relatar como o inventário das casas de madeira na região central de Londrina/PR foi realizado, por meio dos procedimentos metodológicos. Identificar-se-á a ideia de Gaston Bachelard, o poeta dos espaços, sobre a casa como representação da morada da alma e como primeiro mundo do ser humano. A casa não é somente uma casa, é um espaço de vivências, lembranças e memórias que os moradores guardam do seu passado refletido no presente e de suas inúmeras histórias que para eles não têm fim. A história das primeiras construções em palmito e em madeira na cidade londrinense, também é um dos alvos desse trabalho.

Será examinado também, o valor da memória afetiva dos moradores frente o valor econômico das casas, pois estas memórias simbolizam um valor que não se compra com dinheiro, uma vez que estão arraigadas à história e memória de vida desses moradores, de modo que, muitos não querem delas se desfazer, por conterem recordações de um passado ainda vivo em suas lembranças.

Na seção 3, pretende-se abordar o silêncio das casas de Madeira na região central de Londrina, dividindo-se em três etapas. A primeira etapa, 3.1,

abordará a memória individual e coletiva, a partir dos relatos de alguns moradores das casas de madeira, pois essas memórias, quando associadas tornam-se somente uma, já que aglomera vários indivíduos que tem uma mesma história, fazendo dessa construção uma memória coletiva.

Na etapa, 3.2, Analisar-se-á, os depoimentos dos moradores das casas de madeira durante a pesquisa realizada em 2013 e 2014 no centro da cidade de Londrina. Essa análise, pretende revelar a materialidade e a imaterialidade da forma com que cada morador se apropria da casa de madeira e os significados que ela tem ou não para cada um.

A etapa 3.3, abordará, o silêncio das casas de madeira do centro de Londrina, que se faz na ausência das mesmas nesse local da cidade. Elas fazem parte da história londrinense, porém, devido a contínuas transformações no espaço local e com a ascensão do progresso e da modernidade, elas têm desaparecido pouco a pouco do cenário londrinense. Esse silêncio se mostra no desaparecimento delas do centro urbano de Londrina. É um silêncio, uma ausência e um esquecimento de um passado de madeira que está sumindo da cidade de Londrina.

Londrina é uma cidade nova, e retrata aspectos da sua história, história da mata fechada com árvores frondosas, dos primeiros habitantes que desbravaram o local, dos primeiros ranchos às primeiras casas de madeira, do lamaçal, dos estrangeiros que aqui chegaram, das festas com amigos, da chegada do trem à cidade, do Museu que guarda relíquias de antigos moradores, entre outros. História esta, contada oralmente por quem vivenciou essa experiência e guarda na memória as lembranças passadas.

A casa de madeira está associada a uma história viva na memória desses idosos, pois mostra as suas lutas e o seu desenvolvimento na terra vermelha e nas mudanças ocorridas nela. A casa, em si, pode ter ou não afetividade ao morador, isso representa a subjetividade de cada um. Entretanto, a casa de madeira representa o passado da terra vermelha, um passado ainda bem vivo na história e memória dos habitantes idosos dessas habitações, das quais muitos não querem se desfazer da casa, por representar parte de sua vida, história e memória. Enfim, a casa de madeira contém história. História do início da cidade, dos pioneiros, carpinteiros, migrantes e imigrantes que aqui chegaram, objetivando construir em solo vermelho uma vida melhor.

A experiência como colaboradora nesta pesquisa permitiu reviver as lembranças passadas, pois em cada casa que adentrávamos algo do passado vinha à tona: o ferro à brasa, a máquina de costura antiga, as taramelas da casa dos avós, a varanda para conversas em família, o assoalho de madeira, o chão em vermelhão, as janelas com boa ventilação, as travas de madeira atrás das portas, enfim, as casas de madeira antigas da cidade corporificam a memória e a história de quem habita ou algum dia morou nelas.

2 O INVENTÁRIO DA CASA DE MADEIRA NA REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA/PR

A cidade, de certa forma, é construída pelas paisagens, imagens, histórias e memórias de seus habitantes. Junto a esses elementos surgem as mudanças que, com o passar do tempo, vão se unindo ao progresso e modernidade da metrópole que cresce dia a dia. Diante desse pensamento, foi elaborado um subprojeto, que aborda a temática: “a casa de madeira na cidade de Londrina de 1932 a 1950”, compondo assim a multiplicidade e diversidade das histórias e memórias formadas pelo meio urbano local, situadas nos depoimentos dos moradores das casas de madeira. O projeto é composto por um projeto maior, denominado: “Documento, patrimônio e paisagem: projetos arquitetônicos de edificações de Londrina e Rolândia (1932-1950) da coleção iconográfica do CDPH-UEL”, que hoje se chama NDPH - Núcleo de documentação e pesquisa histórica, projeto esse, na ocasião, coordenado pelo professor doutor Marco Antonio Neves Soares.

O projeto maior, citado acima, tem como objetivo tratar o arquivo com a finalidade de recuperar a informação da coleção de plantas de edificações do NDPH, verificando e analisando essas plantas, associando-as com estudos da paisagem e do patrimônio, visando suas permanências e rupturas na época histórica. Por meio da utilização de técnicas arquivísticas e a problematização da investigação histórica, a justificativa proposta foi pela conservação e preservação dos projetos arquitetônicos de edificações do Norte do Paraná, especificamente Londrina e Rolândia, que estão sob a guarda do NDPH-UEL, e o impacto da ausência e ou permanência na paisagem dessas cidades. No período, foram utilizados critérios para conservar e preservar, classificando as plantas baixas pela Nobrade – Norma brasileira de descrição e também pelo Siar-Conarqu – sistema de arquivos de conselho nacional de arquivos.

Com relação às questões patrimoniais e paisagísticas, foram aplicadas metodologias para avaliar as propriedades históricas desenvolvidas pela NPS – History and culture. A história cultural permite adentrar no cotidiano, admitindo diferentes leituras e interpretações do patrimônio e paisagem ao longo da escalada histórica, observando assim elementos que permaneceram e aqueles que se modificaram no decorrer do tempo. Almejava-se, como resultado final, a

confeção de um catálogo da coleção de plantas baixas do NDPH, e estudos direcionados as relações entre história, edificações e a paisagem, promovendo, nesse sentido, encontros científicos dos meios envolvidos.

Uma parte desse parágrafo, aborda o pensamento do professor Marco Antonio Neves Soares sobre o Projeto Maior que esteve sob sua coordenação. “Esse projeto de pesquisa e ensino, buscou pensar a ideia de patrimônio utilizando as plantas como documento, que é também considerado um patrimônio analisando conjuntos de plantas e observações de edificações. A questão pré-patrimonial está relacionada a plantas que foram planejadas acidentalmente, comprometendo a edificação, pois nos anos 1940 as edificações seguiam uma forma de edificação e arquitetura bem diferente do que acontecia em 2010. As casas de 1940 eram projetadas e, por causa disso atualmente acontece uma ruptura na edificação do período de 1940 que não se adapta às edificações consideradas mais modernas hoje, nesse caso, 2010. O projeto aconteceu em Londrina e foram realizadas entrevistas com moradores”. De acordo com a professora Rosely Lima, que sempre morou em casas de madeira, “muitas plantas eram construídas conforme a necessidade ou disponibilidade monetária. Outras casas usavam plantas pré-existentes nas prefeituras. Poucas eram projetadas. De 1940 a 2010 ocorreram vários fatores, entre elas a disposição de novos materiais e equipamentos”. O subprojeto: “O Inventário da Casa de madeira na região Central de Londrina-PR”, objetiva completar o banco de informações do projeto maior, que diz respeito às casas localizadas naquele primeiro projeto, visando a disponibilização para pesquisa, sob a guarda do Núcleo de Documentação e pesquisa histórica – NDPH da UEL.

Informado o subprojeto, constatou-se que o que constitui o espaço urbano são suas formas de morar; sejam elas planejadas ou não, são vinculadas à visão de paisagem realizada por seus moradores, organizadores e, entre muitos outros formadores de opinião, está a figura do historiador. Michel de Certeau, em “A Escrita da História e a Invenção do Cotidiano”, volumes I e II, relata que a escrita da história está relacionada à arqueologia ou à fabricação da história, descrevendo que a historiografia deve ser produzida associada a uma operação historiográfica e, para isso, deve conseguir ligar o real ao discurso. O real, neste trabalho, será as casas de madeira, associadas ao discurso, ou seja, o depoimento dos moradores. Com relação à figura do historiador, Certeau aborda que o historiador tem a difícil tarefa

de articular a união do real e do discurso, lugares não pensados, expressando assim o que compõe seu discurso.

Segundo Certeau, é somente através da arqueologia da escrita, construída pelo documento e baseada na pesquisa, que a historiografia deixará de ser somente representação e passará a adquirir formas de fabricação. Para Certeau, a escrita da história na função do historiador segue uma operação cautelosa, admitindo que essa operação faz parte da realidade documental de que se trata, e essa realidade não só pode, como deve ser utilizada enquanto atividade humana, baseada na prática. Dessa forma, “a operação histórica se refere à combinação de um lugar social e de práticas científicas e de uma escrita” (CERTEAU, 2000, p. 66).

O conceito de cidade, segundo Certeau (1994, p. 172 - 173), surge no século XVI, surgindo nessa época, as transformações urbanas. A cidade, é uma criação de sujeitos universais e anônimos que são e compõem a própria cidade. Esses sujeitos são formados pelos múltiplos sujeitos reais, grupos, associações e indivíduos que fazem parte desse cenário citadino. Ela, oferece meios de construir o espaço, partindo de número finitos agregando propriedades estáveis, isoladas e articuladas umas as outras. A cidade, projeta um passado opaco e um futuro incerto, mas numa análise tratável. O palimpsesto de subjetividade que agrega as simbologias de uma cidade, no caso deste trabalho, as várias cidades dentro de um só, que comportam as várias histórias em somente uma, está associada ao memorável que é tudo aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar. Esse lugar se articula na subjetividade de cada morador, nas ausências, nos silêncios que estruturam sua existência, fazendo dele um “ser- ai” (...) este ser-ai só se exerce na prática com o espaço, ou seja, em maneiras de passar ao outro. (CERTEAU 1994, p. 190),

O caminhar pela cidade seguindo um trajeto urbano, segundo Certeau (1994, p. 177 - 178), está vinculado ao ato falar, é um espaço de enunciação na qual se coloca um sujeito face a face com o outro. A pessoa que caminha pelas ruas da cidade, transforma cada significante espacial em outra coisa, ou seja, cria formas descontínuas na linguagem espacial. Desloca-se a lugares da inércia ou desaparecimentos, também agrega fórmulas acidentais ou ilegítimas. A caminhada, segundo Certeau (1994, p. 179) afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc. as trajetórias que “fala”.

Para Juhani Pallasmaa, a cidade revela a fenomenologia da arquitetura, fenomenologia esta pautada na arquitetura dos sentidos. Segundo Pallasmaa, os sentidos fazem parte da integração de nossas experiências neste mundo com nossa individualidade, e a arquitetura é representada na mentalidade que acomoda e integra os indivíduos. Nesse sentido, a arquitetura:

oferece formas e superfícies agradáveis e configuradas para o toque dos olhos e dos demais sentidos, mas também incorpora e integra as estruturas físicas e mentais, dando maior coerência e significado à nossa experiência existencial (PALLASMAA, 2011, p. 11).

A cidade pode ser definida como construção espacial, associada aos sentidos, percepções, representações, imaginações, observações, interpretações, entre outros, e ser percebida no decorrer da caminhada de longos espaços de tempo, na qual cada morador associa créditos com alguns lugares que fazem parte de sua história e memória ou com seu todo, formando assim, sua identidade. Nesse sentido, situando a questão da identidade, vinculada à arquitetura, Pallasmaa (2011, p. 11) relata: “A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça nossa sensação de realidade e identidade pessoal [...]”

Para Yi-Fu Tuan é valorizar as relações entre o espaço e as pessoas, inserindo-se na representação e percepção desses espaços, associado ao lado cultural e nas relações sociais de cada sujeito. A topofilia é distinta e tem características diferenciadas no ambiente, como na relação pessoal e emocional do indivíduo com os pertences do seu lar. Nessa obra, o autor favorece questões subjetivas e pessoais dos indivíduos em seu meio ambiente. Para o autor, “todos os laços afetivos dos seres humanos estão vinculados com o meio ambiente material” (TUAN, 1980, p. 107). Percebe-se, dessa maneira, que o termo topofilia une os sentimentos com o meio ambiente, promovendo a ideia de lugar. Entretanto, “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, no agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129). Grande parte dos discursos relatados no livro pontua o sentimento e a emoção afetiva com que as pessoas se relacionam com o meio ambiente em que vivem, fazendo dele um lugar. Nesse sentido, a casa de Madeira é formada pelo meio ambiente material, formatada nos discursos afetivos de uma memória e uma

história local, fazendo desse ambiente, um lugar de histórias e memórias que envolvem a vida dos moradores e o ambiente citadino.

A paisagem é materializada na cultura da imagem construída por seus habitantes, que a formam por meio de seus sentidos, suas lembranças, sentimentos e percepções vividas cotidianamente no ambiente que constitui a cidade. Isso resulta na materialidade não somente física e visível, mas também no imaterial, invisível, formado pela subjetividade das recordações citadinas que envolvem esses sujeitos. Relacionado a essas ideias, pretende-se buscar, nesta pesquisa, não somente a materialidade da casa de madeira, mas a imaterialidade, formadas pelas histórias, memórias e lembranças dos indivíduos moradores das casas. A materialidade é um dos tópicos desenvolvidos no inventário, e através dela são formadas as paisagens urbanas consolidadas nas casas de madeira, que até então estão resistindo ao tempo na então chamada filha de Londres.

Seguindo o pensamento de Certeau, relacionado ao inventário da casa de madeira na região central, a proposta é compreender as complexas configurações urbanas que compõem o cenário londrinense, envolvendo os seus muitos modos de morar, constituídos nos diversos sentidos materiais e imateriais, vinculados aos indivíduos, pelos quais esse fazer histórico tem significado, ou seja, a casa de madeira.

2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NO INVENTÁRIO DA CASA DE MADEIRA

Em primeiro lugar, é necessário compreender o significado da palavra inventário. O inventário documenta os bens que não são fruto de tombamento, como símbolos, arte, cultura, história, memória, religião, objetos, entre outros. Dessa forma, o inventário é o ato de registrar bens, tanto materiais quanto imateriais.

Com relação aos recursos metodológicos deste trabalho, foram selecionadas como fontes os depoimentos dos moradores das casas de madeira de Londrina, catalogados na pesquisa de Iniciação Científica “O Inventário da Casa de Madeira na região Central de Londrina”. Lembramos que, o próprio inventário já é uma fonte documental da história de Londrina. Serão abordados somente os depoimentos dos moradores proprietários idosos das casas de madeira.

Bosi citando Halbwachs aborda a figura do velho desta maneira: “o velho se interessa pelo passado [...]” (HALBWACHS apud BOSI, 1999, p. 60). Para Bosi (1999, p. 63) é na velhice social que o velho tem a função em si mesmo de lembrar aos outros, a memória familiar, da comunidade grupal, das instituições, enfim, da sociedade. A pesquisa não foi realizada somente com os moradores idosos, com a exceção do relato dos filhos(as), netos(as) e parentes, devido ao fato de os proprietários já terem falecido, não estarem na cidade ou de o próprio filho(a) atender os pesquisadores, fornecendo as informações necessárias à pesquisa.

As visitas às casas de madeira foram realizadas no ano de 2013, todas as segundas-feiras no período da tarde, sendo que, nas primeiras ruas pesquisadas naquele ano, esteve presente a orientadora do projeto, professora Zueleide Casagrande de Paula. Reuniões foram efetuadas para discussão de textos referentes à pesquisa e para definição do proceder em relação ao desenvolvimento da pesquisa em andamento.

A pesquisa de uma mesma rua foi realizada em datas diferentes, por conter uma quantidade maior de casas. Algumas datas têm uma distância longa das outras, devido à necessidade de condições climáticas favoráveis para a realização das pesquisas, já que estas eram feitas na rua. A pesquisa também foi realizada em várias ruas em um mesmo dia, pois havia algumas ruas sem casas de madeira.

Nas férias escolares de dezembro de 2013, a pesquisa foi realizada no período da manhã. No ano de 2014, a pesquisa foi realizada duas vezes na semana, às terças e quintas-feiras, no período da tarde e, no período das férias, em junho de 2014, no período da manhã.

Foram utilizadas fichas catalográficas com informações das casas para o inventário. De todas as casas de madeira catalogadas, muitas estavam alugadas e não foi possível falar diretamente com o proprietário, portanto, essas casas não serão incluídas no trabalho.

Dentre os diversos depoimentos colhidos, um dos aspectos mais comentados entre os antigos moradores era a destruição das casas na região, que estão sendo demolidas para construção de edifícios. Os moradores relatam que as construtoras não querem pagar o valor real do imóvel, nem do terreno. Alguns moradores pretendem salvaguardar a memória das casas, não se desfazendo delas, outros querem se desfazer, pelo fato de as casas já estarem bem velhas e pela reforma ser muita cara. Porém, a grande maioria dos moradores não vendem as

casas porque as imobiliárias e as grandes construtoras da cidade não oferecem um preço justo e de acordo com o mercado imobiliário. Outros moradores disseram que a casa não tem significado algum para eles, somente moradia, que a casa representa pontos negativos, como sujeira, cupim, mofo, ruídos externos, impossibilidade de reforma devido ao estágio de degradação, entre outros. Esses pontos negativos, relacionados como um contraponto sobre a memória afetiva da casa de madeira, não serão trabalhados neste documento. Será abordada somente a memória afetiva de alguns moradores. Nem todos os depoimentos serão relatados neste trabalho de conclusão de curso.

Serão apresentadas também, as ideias de Paul Thompson, que trabalha a memória social vinculada à história oral das vozes do passado. Para o autor, é relevante dar voz a diferentes narradores que formam o passado ainda presente no presente. Thompson relata que “a história sobrevive como atividade social apenas por ter hoje um sentido para as pessoas. A voz do passado tem importância para o presente” (THOMPSON, 1992, p. 10). Essas vozes do passado, no referido trabalho, serão as vozes dos moradores idosos das casas de madeira. Willi Bolle, concordando com o pensamento de Thompson, afirma: “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido” (BOLLE, 2004, p. 386).

Como a pesquisa foi realizada em 2013, abordaremos um pouco da história do mapa como procedimento metodológico, situando-o como valor representativo de simbolismo e afeição,. Os mapas, contribuem para a elaboração de uma cidade, pois ao falar sobre isso, delimitaremos o mapa da cidade de Londrina no ano de 2013, retratando algumas ruas que fazem parte desta pesquisa, porém, nem todas as ruas pesquisadas estarão no mapa .

Segundo Humberto Yamaki (2003, p. 05), os mapas representam um hábito humano de se localizar no tempo e no espaço na qual habitam. Os mapas são parte da existência, sobrevivência e segurança do ser humano. É por meio dos mapas que conhecemos o lugar onde habitamos, é através deles que construímos estratégias de dominação e posse do lugar, seja ele, um processo de afetividade, posse, simbolismo ou não.

De acordo com o cartógrafo Erwin Raisz, a história dos mapas é bem antiga. Os mapas existem muito antes da escrita, pois estudos com povos primitivos comprovaram a existência do traçamento de mapas para a localização espacial. (Yamaki, 2003, p. 05). Os mapas, segundo Raisz fazem parte da vida dos

viajantes pelo mundo, que, ao interrogarem alguém da terra natal sobre a direção a um determinado local, o mesmo utilizava-se de objetos da própria natureza para marcar o lugar em que se encontrava, um galho, uma vara, eram usados para desenhar no chão um traço do caminho e acrescentava-se ao desenho ramos, marcando assim os locais. Raisz afirma que um dos mapas mais relevantes são os mapas esquimós, um deles foi encontrado e mostra o desenho das ilhas Belcher, feita a lápis por um esquimó da Bahia de Hudson. Parte de uma carta escrita por um viajante que explorava o Ártico, chamado Vilhjalmur Stefansson, relata que os mapas esquimós são úteis quando bem interpretados. Há pontos estratégicos para eles. Nos mapas, existe uma forma representativa de mostrar o número curvilíneos dos rios e sua identificação, revelando as distâncias; detalhando os lugares de mais importância aos autores. As áreas, pelos quais devem passar tem maior relevância que outras. Para o autor, “fazer mapas é uma aptidão inata da humanidade” (RAIZ, 1969, p. 7)

Renato Leão Rego, (2009, p. 127), relatando como os britânicos construíram as cidades do norte do Paraná, dentre elas Londrina, destaca que, cada local definia um ponto estratégico de configurações urbanas, entre eles, os edifícios institucionais, tanto civis, quanto religiosos, essas estruturas formavam a paisagem urbana. O cemitério, a quadra de esportes, a igreja, o hospital, a escola, a praça central, cada lugar trazia características de uma identidade social. Sobre os mapas da Companhia, riscando as cidades novas, Rego, revela que cada mapa, trazia consigo questões centrais da estrutura urbana. Cada lugar era distinto devido a sua função peculiar e geográfica, trazendo funcionalidade na paisagem e imagem das cidades implantadas no norte do Paraná.

Nesse sentido, percebe-se que os mapas são testemunhas de uma época, de um acontecimento histórico e representam muito mais que valor simbólico, afetivo, estético, técnico ou científico, eles direcionam a construção de uma cidade, um território, enfim a vida humana.

GOFF, 1992, p. 466). A memória social do passado pode ser conservada, porque o álbum pode ser considerado um monumento para o grupo que retém do passado as afirmações para o tempo presente. O álbum de família é uma recordação individual, porém coletiva. Tanto o álbum de família quanto a casa fazem parte de uma coletividade social. Nesse sentido, afirma Bosi: “A casa materna é uma presença constante nas autobiografias, nem sempre é a primeira casa que se conheceu, mas é aquela em que vivemos os momentos mais importantes da infância” (BOSI, 1999, p. 435).

Gaston Bachelard estuda a intimidade, baseada na poética dos espaços, focalizando a problemática da poética da casa. Os aposentos secretos e desaparecidos podem formar moradias que levam a um passado inesquecível? A imagem da casa adquire então uma integração psicológica. Como o próprio autor diz: “Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa constituir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise” (BACHELARD, 1978, p. 196). Para Bachelard, a casa é um instrumento de análise para a alma humana, pois nosso inconsciente está nela “alojado”. Para ele, “nossa alma é uma morada”. (BACHELARD, 1978, p. 197). Nesse sentido, o autor constrói a ideia da casa como morada da alma.

Assim afirma o autor: “Não apenas as nossas lembranças, mas também nossos esquecimentos estão aí ‘alojados’. E quando nos lembramos das ‘casas’, dos ‘aposentos’, aprendemos a ‘morar’ em nós mesmos” (BACHELARD, 1978, p. 197).

A casa é o nosso primeiro mundo, é nela que temos os primeiros contatos nesta vida. A casa é nossa primeira família. Nela, sentimos o calor da natureza e da família que nos acolhe. Nela, nascemos, crescemos, vivemos, amamos, reproduzimos, envelhecemos e morremos. Ela guarda nossas histórias, memórias e nossos maiores segredos. A casa, de acordo com Bachelard, é o primeiro mundo das pessoas.

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano (BACHELARD, 1978, p. 201).

A casa é um lugar onde nos sentimos seguros, é o lugar da privacidade e da intimidade. Em casa, podemos espreguiçar no sofá da sala assistindo a um bom filme, dormir assistindo televisão, cantar no chuveiro, fazer faxina ouvindo música, dançar usando o cabo da vassoura como microfone, abrir a porta do congelador e nos refrescar nos dias mais quentes, dançar e ensaiar o que vamos falar na frente do espelho, fazer refeições com a família, inventar e fazer nossas receitas favoritas, disputar a panela com a calda do bolo de chocolate, discutir sem ser incomodado por ninguém, chorar ouvindo música e vendo fotos, rir e zoar com os álbuns de família, falar sozinho, conversar com plantas e animais, brigar e abraçar, namorar, fazer cafuné em quem amamos. Enfim, a casa é nosso porto seguro, é nela que guardamos e preservamos nossas mais relevantes intimidades. Segundo Bachelard: “A casa, mais ainda que a paisagem, é ‘um estado de alma’. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade. [...] a casa é nosso canto do mundo, é nosso primeiro universo (BACHELARD, 1978, p. 200, 243).

2.3 A CASA DE MADEIRA E SUA HISTÓRIA

Fotografia 1 - Casa de madeira na Rua Uruguai



Fonte: Matheus Henrique Marques Sussai (2013)

Quem caminha pelas ruas e bairros, principalmente os mais antigos de Londrina, pode ver uma paisagem antiga que ainda prevalece no cenário da cidade. Tanto na periferia quanto na parte central da cidade, os olhares de um passado estão presentes no cotidiano citadino de quem as vê e as percebe.

Carlos Bozelli, (2004, s/p), revela por meio do olhar do fotógrafo, sendo o próprio autor, essa história/memória que atua no presente citadino, da atual metrópole chamada Londrina. Os objetos podem ser frágeis, porém, permanecem com muita força nas lembranças das pessoas. Podem de certa forma, serem despercebidos na correria do dia a dia, mas estão, mesmo sem percebermos inseridos no nosso cotidiano.

As construções em madeira, edificadas no começo da cidade, retiradas da matéria prima abundante na região, cedeu lugar a uma nova cidade. Uma boa parte delas ainda prevalecem em meio a tijolos e concretos que envolvem

a cidade, algumas hoje são áreas comerciais e perderam sua forma oficial, pois muitas são reformadas para uso comercial. Outras, sofreram muitas reformas e não se encontram mais em seu projeto original. Algumas, apesar de alugadas, ainda retratam a forma original, pois o proprietário não quis modificá-la, sendo para muitos, uma relíquia que deve ser preservada. Segundo Bozelli, a casa é um testemunho da integração do homem com o meio em que habita e do potencial que o material significa a cada indivíduo, unido à construção da cidade. Essa paisagem, para alguns bela, para outros, não, está pouco a pouco extinguindo-se da paisagem urbana, pois a cada dia essa raridade histórica desaparece da vida cidadina. Para Bozelli, é importante a preservação desse patrimônio, pois as casas trazem consigo, uma bagagem cultural proporcionada pelo próprio morador, que faz parte desse monumento histórico, situado na vida das pessoas comuns. As casas de madeira, estão resistindo ao tempo, mudadas e adaptadas em seu uso, forma e função, demonstrando as diversas maneiras de utilização dessas construções, pois elas estão muito além da demolição e substituição por prédios novos.

A arquitetura da madeira, agrega a memória e a história de Londrina, pois a comunidade é um meio de conscientização e preservação dessa história urbana e local. Bozelli, afirma que, não quer ver somente esse monumento nas imagens que ele mesmo construiu, mas que essas casas continuem sobrevivendo ao tempo, sendo testemunhas de uma memória e história viva da cidade.

Antes da colonização, havia muitos tipos de árvores na densa floresta que aqui existia e, a peroba-rosa era uma delas. Londrina foi edificada da peroba-rosa, essa madeira, tem aspectos rosados em seu interior, talvez por isso o nome peroba-rosa. Durante os depoimentos com os moradores, tivemos a oportunidade em uma das casas de vê-la interiormente.

Antonio Carlos Zani, (2011, p. 45) relata que dessa altiva peroba, formaram-se muitas outras perobeiras ornamentadas nas casas de madeira e suas construções. Como havia muita peroba-rosa na região na década de 1930, o seu preço foi barateado, contribuindo ainda mais para a expansão da cidade, pois qualquer pessoa poderia construir sua casa de forma segura e tranquila. De acordo com Zani,(2005, p. 187) a peroba rosa hoje está em extinção por causa da exploração predatória.

O autor, falando da peroba-rosa, relata que era a madeira mais usada na região, devido à abundância e por sua resistência ao tempo. Esse tipo de

madeira, nas décadas de 1930, favoreceu o uso contínuo e definitivo na construção das casas de madeira nesta região, mais precisamente na década de 1940, segundo Zani.

A década de 1930, segundo Zani, era o período da Terra da Promissão, a terra boa, onde tudo que se planta dá. A revista, A Pioneira (Ano I, n.3 e 4, p. 8, 1948), relata a história da terra da fartura no norte do Paraná. A terra era fértil, o local tinha um bom clima, a colheita era abundante e tudo nesta terra crescia com exuberância. Oxalá, essa fertilidade se conserve para sempre, pelo emprego de meios adequados que impeçam o exaurimento da terra, tais como rotação de cultura, adubação em tempo oportuno e combate à erosão. Nos relatos de Juliana Harumi Suzuki (2003, p.47), a região era privilegiada por ter terras roxas, livres de saúvas e apropriadas para a plantação de café. João Alberto Zortéa (1975, p.107), assim afirma: As árvores eram frondosas e cederam lugar as lavouras de café, e, várias cidades do Paraná foram surgindo, por causa do ouro verde abundante na região. O Ipac (1995, p. 10), relata que a terra em Londrina era fértil e quem aqui chegava superava os grandes sacrifícios e o desconforto do pó e da lama vermelha, sonhando em construir uma vida promissora.

De acordo com Zani (2011, p. 47, 56), os ranchos de palmito foram as primeiras construções em Londrina. O palmito, além de ser usado na construção, era também usado como alimentação. Seu tronco era partido ao meio, surgindo as vigas e ripas e com a folhagem, os ranchos eram cobertos (IPAC, 1995, p. 142)). Zani,(2005, p. 23), em sua obra “Repertório Arquitetônico das casas de madeira em Londrina – PR”, destaca o depoimento de um pioneiro, o Sr. Narciso Rodrigues. O carpinteiro comprou um terreno na Rua Rio Grande do Sul entre as Ruas Maranhão e Sergipe. Ele contou ao autor da obra como fez o rancho quando chegou na cidade de Londrina em 1932. No relato, ele assim declara: - “Meu primeiro rancho em 1932 era de palmito coberto com tabuinhas: cortei ao palmitos, fiz caibros e vigas e amarrei-os com cipó. O telhado fiz em tabuinhas tiradas de um cedro que existia onde hoje é adelegacia”. Com o passar do tempo, foram surgindo as casas de madeira junto com os ranchos, nas quais os moradores iam substituindo, pouco a pouco, o palmito pela madeira.

No período da colonização, o terreno das casas em construção na maioria das vezes não tinha nivelamento. O desnivelamento era compensado com pilares de troncos de madeira e, por causa disso, ficava um espaço grande abaixo

do assoalho, que poderia chegar até um metro. Esse espaço servia para guardar vários tipos de objetos, como ferramentas e lenha para o fogão. O cachorro, fiel companheiro e guardião dos donos, ali também dormia. As primeiras casas de madeira, segundo o Ipac (1995, p. 142), foram construídas com tábuas serradas manualmente, pois ainda não existiam as serrarias. As casas com o passar do tempo foram cercadas por balaustres. Balaustres, eram cercas de madeira, que separavam o quintal de uma casa da outra, já que nesse período o que vigorava em abundância na região era a madeira. A esse respeito, João Alberto Zortéa (1975, p. 44), diz como foi feita a primeira casa de madeira em Londrina: “A primeira casa de táboa, construída com madeira serrada por dois portugueses, à mão, de peroba tiradas do próprio local, foi do sr. David Dequech”. Esta casa situava-se na atual Avenida Paraná, esquina da Rua Heimtal, onde hoje é a Rua Duque de Caxias.

Segundo Humberto Yamaki, pesquisador e arquiteto, as casas de madeira da década de 1930, demonstravam simplicidade nas construções, devido a necessidade imediata de abrigo. (FOLHA DE LONDRINA, 2 de junho de 2004). Essas casas, eram denominadas funcionais, pois eram simples, com 3 quartos, sala, cozinha, área de serviço, banheiro e varanda de 46 a 100 m². Yamaki, em sua obra “Labirinto da memória” (2006: p. 26), também afirma que Londrina, na década de 1930, era formada por uma cidade de palmito e de madeira e que no decorrer dos anos chegou a um total de 2300 casas, em 1939. Zani (2011, p. 46), também descreve que já havia muitas casas de madeira na região nesta década.

Os mestres carpinteiros, grupo formado por portugueses, alemães, poloneses, entre outros, trouxeram uma técnica guarnecida de materiais e ferramentas específicas que produziram um “saber fazer” que marcou o modo de construção das casas de madeira londrinenses. As casas, segundo Zani, não seguiam um padrão específico de construção, pois havia inúmeras formas de construção; cada imigrante que chegava na cidade, deixava sua marca como forma de identidade na arquitetura de seu lar. Pode-se citar, como exemplo, as casas dos mestres carpinteiros nipônicos. Essas casas possuíam formas em sua arquitetura que formavam a identidade do morador. Essas construções eram realizadas em pouco tempo, por causa das poucas peças utilizadas na construção pelo sistema de encaixar, fazendo da técnica de montagem um processo mais rápido, e também pela peroba ser abundante na região e estar próxima dos lugares de construção.

Yamaki, relata que as casas de madeira não tinham uma única forma de construção, mas destacavam características da origem e tradição de cada indivíduo que construía as casas de madeira. Nesse sentido:

Boa parte dos imigrantes conhecia os rudimentos de carpintaria e trazia algumas ferramentas em suas bagagens, possibilitando a extensiva prática da construção em mutirão. Em 1934, a propaganda da Casa Caetano falava da venda de 58 caixas de machado “Colins”, 384 foices “Minatti” e 29 enxadas em Londrina. [...] Vendiam-se mais machados que enxadas (YAMAKI, 2006, p. 28).

A década de 1940, segundo Zani, foi o período do Eldorado, onde a arquitetura em madeira estava no ápice das construções, pois o apogeu da cultura do café despontava no solo paranaense atraindo multidões de trabalhadores. Nessa época, já se destacavam os ornamentos nas casas, as riquezas nas cores e texturas, contribuindo para uma estética diversificada e elaborada nas edificações em madeira em Londrina. Depois, esse quadro foi alterado quando surgiu a falta de madeira na região, causando aumento no custo das casas de madeira, chegando a aproximar-se das casas de alvenaria. Era o fim do Eldorado e um retorno as moradias consideradas mais rústicas. (FOLHA DE LONDRINA, 2 de junho de 2004). Segundo a professora Rosely Lima, “a peroba rosa era barata nas décadas de 1930/1940, mas depois ficou cara e a madeira usada pela maioria das pessoas era de menor qualidade”.

De acordo com Zani (2005. p. 25). as casas de madeira, nestas décadas, 1940/1950, eram predominantes no centro e nos bairros. Além da tipologia da casa ser peroba-rosa, algumas seguiam o mesmo padrão, dependendo da nacionalidade cultural de cada construtor ou de quem os contratava para a construção. Por exemplo, na Rua Brasil, havia bastante casas em um mesmo terreno e todas seguiam o mesmo padrão na forma da edificação, destacando as varandas, todas iguais. Assim revela uma fotografia de Antonio Carlos Zani, sobre essas casas (Ipac,1995, 142). A revista, A Pioneira (Ano II, n. 6, s/p, 1949), também relata que, as casas de madeira em construção para os operários nos Postos Agro-Pecuários no norte do Estado, eram todas iguais.

As casas de madeira eram predominantes por que os moradores que chegavam na cidade precisavam de um lugar para morar, porque não havia

moradias. Como tinha muita madeira na região, surgiram na cidade várias serrarias, tornando o preço da madeira acessível a qualquer classe social. Nesse sentido, qualquer pessoa poderia comprar as madeiras e assim construir sua casa. Havia também muitos carpinteiros, que facilitavam a rapidez na construção, contribuindo para uma mão de obra mais barata a toda população. Segundo Zani (2005, p. 25), havia grupos de até 10 carpinteiros, contando com 5 ajudantes, que conseguiam construir uma casa de 7 x 7m por dia. Os hábeis artesãos trabalhavam a madeira, criando uma diversidade de formatos esculturais, formando, assim, um repertório arquitetônico diversificado, traduzindo uma linguagem e identidade próprias de cada região.

Segundo Juliana Harumi Suzuki (2003, p. 57), em 1948, Londrina sofre um processo de expansão, impulsionado pelo aumento nos preços do café. E em 1950, a área urbanística foi marcada por tentar retomar o controle do espaço da cidade realizado pela administração pública local. Nesta mesma década,, começaram a construção de edifícios que mudaram profundamente a paisagem urbana. ,A paisagem urbana, para Rego (2009, p. 136), foi pouco a pouco modificada, devido a intervenção do homem no domínio da natureza e de seu ambiente natural. Os prédios eram modernos, porém, nem todos eram projetados com a participação de arquitetos. A autora, diz que a demolição das casas de madeira na década de 1950, era motivo de orgulho pois seriam substituídas por outras casas, consideradas modernas. Uma reportagem dessa década relata o seguinte texto:

A paisagem urbana de Londrina tende assim a modificar-se para melhor. O Centro da cidade, que nestes últimos anos sofre grande transformação, oferece hoje um aspecto diverso daquele de 1947, onde inúmeras casinhas de madeira constituíam ainda um testemunho da época do desbravamento, em que a preocupação era “fazer” as pressas uma casa para morar e para o negócio. Hoje os modernos prédios de Londrina são cuidadosamente projetados por arquitetos famosos.(Suzuki, 2003, p.60)

Para a autora (2003, p. 57 e 59), a separação do espaço citadino, aconteceu na década de 1950 e seguiu regras estabelecidas pelas classes sociais que a ocupavam. As classes dominantes, ocupariam a zona do quadrilátero central, enquanto as classes de renda baixa foram distribuídas nas periferias da cidade, demonstrando um processo discriminatório realizado pelo poder público. As áreas

abaixo da linha férrea, eram consideradas a periferia, enquanto a faixa acima da linha férrea, residia a elite da cidade.

As casas de madeira, em sua antiguidade, comportam a memória individual formada na coletividade de uma história e memória local, vinculada nos vários moradores que fazem parte da vida urbana. Essas memórias estão inseridas a um passado que não volta mais e ao presente que insiste em reviver e resguardar determinadas lembranças. As casas de madeira não são somente formadas do material, mas do imaterial, que juntos, associam-se a uma só tipologia e simbologia de um passado que “não passou”, por estar ainda preso à essência de cada indivíduo que fez e ainda faz parte dessas histórias/memórias.

2.4 CASA DE MADEIRA: O VALOR DA MEMÓRIA AFETIVA FRENTE AO VALOR ECONÔMICO

2.4.1 A História e Memória Afetiva dos Antigos Moradores das Casas de Madeira de Londrina

A casa, o bairro, a cidade podem ser encarados através da sedimentação das histórias de vida e expressam os afetos que aí se enraizaram (IPAC/Ld, 1985, p. 5).

As casas de madeira da região central de Londrina são patrimônios familiares, onde residem não somente o material, mas o imaterial das recordações do passado e de um tempo que não volta mais. Elas contêm histórias e memórias dos moradores e da cidade. Essas histórias e memórias estão entrelaçadas na consciência dos moradores, os quais relatam, em seus depoimentos, suas histórias, memórias e as transformações ocorridas na cidade no decorrer de suas vidas. Os relatos foram realizados pessoalmente, nas quais os moradores relataram um pouco da sua história e memória, não somente das casas, mas da cidade, porque muitos nasceram, viveram e cresceram juntamente com a transformação e o desenvolvimento de Londrina.

Por meio dessas entrevistas foi possível buscar no passado vivido por esses indivíduos aspectos importantes de episódios e situações que marcaram as ações dos grupos sociais e que sobreviveram na história e memória, tanto individual quanto coletiva desses grupos, ao enfatizar o subjetivo e “permitir a

inserção do particular, do pequeno, do cotidiano” (VIDAL, 1990, p. 78), e pelos inúmeros depoimentos, que se entrelaçam numa mesma história de Londrina, até os dias atuais. Thompson aborda a história desta forma:

A história possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. O método da história oral possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais; enfim, a reinterpretação do passado, pois, segundo Walter Benjamin, qualquer um de nós é uma personagem histórica (THOMPSON, 1992, p. 18-19).

A oralidade na história, está associada à memória, pois o indivíduo ao fazer a entrevista, não diz somente o que interferiu em sua vida, mas também relata experiências que vêm de gerações passadas – tradições e valores – que contribuem fazendo parte da memória individual e coletiva, como descreve Luiz Norberto Guarinello abordando o conceito de memória.

Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevivem no presente, condição mesmo do tempo presente. [...] A memória é uma ação representativa, parte da atividade auto-representativa que uma sociedade, grupo ou indivíduo produzem de si, para assumirem e defenderem sua identidade e para orientar sua ação individual (GUARINELLO, 1995, p. 180-193).

Dessa forma, as entrevistas são um meio construtivo que permite afirmar o cotidiano e descobrir o contato da sociedade com a pessoa ou a coletividade, descobrindo como um e outro vivenciaram o passado e como se lembram dele. Diana Vidal (1990, p. 82), declara que a memória faz uma seleção do passado, no presente, isto é, nem tudo é lembrado, mas somente as lembranças que marcaram o passado em relação ao presente. Como diz Thompson: o passado é importante para as vozes do passado, assim como presente (THOMPSON, 1992, p. 10). Nesse sentido, o tempo presente será abordado nos relatos de alguns dos moradores das casas de madeira, direcionando os depoimentos à memória afetiva de cada morador, associando ao valor econômico, que muitas vezes se sobrepõe ao valor afetivo que a casa de madeira tem para os seus habitantes.

Uma das moradoras dessas antigas casas de madeira diz: “Não vendo, não troco, não dou, adoro ficar aqui nos fundos ‘lidando’. Gosto de terra e criação”. Ela mora na Rua Goiás desde 1945, diz orgulhosa que a casa foi toda

construída em peroba-rosa. “Aqui é tudo peroba” (FOLHA DE LONDRINA, 8 jan. 2009, p. 3). Ela é uma das inúmeras moradoras que resistem às mudanças da cidade e às várias ofertas de venda.

Na pesquisa realizada em 2014, a filha da proprietária da casa de madeira foi entrevistada, e contou um pouco da história de sua mãe, que estava viajando. A mãe, uma idosa de 90 anos é natural de Santa Catarina. Nunca quis vender a casa, porque a casa faz parte da sua história, ela souou e batalhou muito para comprá-la. Disse que a mãe é descendente de alemães e que os pais dela foram perseguidos durante a guerra. A mãe é muito previdente e cuidadosa com a casa, que é um tipo de segurança para ela. A casa foi comprada em 1948, quando a mãe ainda era solteira; depois que ela se casou, mudou-se para outra cidade e depois voltou a morar nessa casa novamente.

O local tem um terreno e uma casa, sendo que uma parte da casa é de alvenaria, mas ambas as casas são juntas. A casa foi reformada e tem partes que não são originais. Quando questionada sobre a tipologia da casa de madeira, ela disse que é peroba-rosa e disse que não consegue enfiar um prego na parede, tem que ser com furadeira, pois a peroba-rosa é uma madeira boa e de qualidade. A parede da casa de madeira estrala bastante, e a mãe dela já se acostumou com o barulho da rua, que é muito, tem início às 6 horas da manhã e vai até as 20 horas. Contou que a mãe tinha uma horta no fundo da casa, mas misturava as sementes na hora de plantar.

Na década de 1950, quando ela tinha entre 8 a 10 anos, falou que a cidade terminava na Santa Casa, e que tinha poucas ruas, como a Alagoas e a Duque de Caxias, mas que não ia nessas ruas, porque era muito longe.

A mãe não abre mão da casa de madeira e, sua filha que está morando com ela, fez um quarto de alvenaria junto com a casa de madeira para morar e cuidar da mãe idosa. Ela Morava em um apartamento antes de ir morar na casa para cuidar da mãe. Disse que os filhos tiveram que negociar com a mãe durante 6 meses para ela aceitar a proposta de ter um filha cuidando dela, pois ela não queria ninguém morando com ela. Depois de ameaçarem falar com o juiz sobre a situação dela, aceitou a ajuda da filha com medo de ir para um asilo. Disse que a mãe não quer sair da casa, que já não ouve direito, mas reconhece as pessoas pela voz. Disse que ela vinha limpar a casa da mãe, pois a mãe não aceitava faxineira.

A casa de madeira do morador aposentado da Rua Uruguai existe desde 1950, mas antes da casa, a família morava em um rancho no mesmo local onde é a casa hoje. Na entrevista concedida à Gabriela Nogueira, em dezembro de 2016, ele afirma:

Não quero sair daqui, mamãe e papai fizeram essa casa com muito sacrifício. As construtoras sempre oferecem preços baixos. Mas a minha casa eu não vendo, não tem preço. Não tem homem que gosta de mulher feia? Então, eu gosto daqui. Mas eu sei que, quando eu morrer, vão demolir ela.

A moradora da Rua Tupi contou que já tentou vender o terreno várias vezes, por causa do barulho da construção da Plaenge, mas as imobiliárias não querem pagar o valor correto, querem fazer trocas da casa por carro, o que ela não aceitou. Relatou que sempre morou em casa de madeira e que gosta e tem saudade de todas as casas em que morou. Segundo Bachelard, as casas perdidas moram em nós: “Com que força nos provam que as casas perdidas para sempre vivem em nós. Em nós, insistem em reviver, como se esperassem de nós um suplemento de ser” (BACHELARD, 1978, p. 233).

A moradora da Rua Benjamin Constant disse que tem dois apartamentos, mas gosta de morar em casa. Ela colocou os apartamentos por contratos na imobiliária por três anos e voltou a morar na casa de madeira. O irmão não quer que a casa seja demolida, não porque se preocupe em preservar, mas porque foi a casa dos pais. Ela se preocupa em preservar a casa, fez uma reforma na casa. A mãe, disse antes de morrer que foi bom que ela tivesse feito a reforma, pois assim o seu velório poderia ser na própria casa, do contrário a casa não resistiria. A casa representa lembranças para a proprietária. No pensamento de Bachelard, as lembranças da casa revertem-se em valores de sonho. Dessa forma, “[...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 1978, p. 201).

A moradora da Rua Professor João Cândido relatou que mora na casa de madeira desde 1955, que seu pai, foi pioneiro e chegou em Londrina em 1934, e que sempre moraram em casa de madeira, desde à época em que era criança. Disse que a casa tem diferença da casa de alvenaria, pois depois que construíram os prédios na frente da sua casa, a casa ficou mais fresca, devido à sombra que eles fazem. A casa de madeira tem valor sentimental para elas, porque

foi o pai quem as construiu. Nesse sentido, de construção de uma casa, Bachelard relata que “[...] sentimos uma espécie de consciência de construir a casa nos cuidados que temos em mantê-la em vida, em dar-lhe toda a claridade do ser (BACHELARD, 1978, p. 241).

A proprietária e moradora da Rua Espírito Santo falou que mora na casa há 54 anos e que a casa pertence a quatro herdeiros. Disse que nunca percebeu barulho na madeira, mas falou que quando faz muito calor a madeira estrala. A casa representa a família, pois toda a família morou nela, tendo um valor sentimental muito grande. Disse que não desfaria dela nunca.

O centro da cidade verticalizado, na exuberância dos edifícios construídos e em construção, reflete o quão irrelevante as casas de madeira são em meio ao progresso e modernidade de uma cidade nova. Acerca de progresso e modernidade, Néstor Garcia Canclini (2011, p. 251), em sua obra “Culturas Híbridas”, destaca a modernidade como hegemonia e dominação das empresas que pretendem expandir seu mercado. O autor relata que não existe somente um desejo de expandir o mercado, mas também de promover a força hegemônica de determinado grupo social. Portanto, para os modernizadores não interessa somente conquistar territórios, mas persuadir seus destinatários, pois pretendem arrebanhar todos os lugares para realizar seus projetos modernos. Os bens históricos constituem uma das formas de apropriação desse setor. O autor ainda coloca a ideia de progresso como uma crítica de muitos antropólogos nos sistemas tradicionais, relacionando esse progresso aos efeitos de uma modernização desacelerada que tira o indivíduo do campo, levando-o à vida urbana e, dessa forma, prejudicando as camadas populares, por causar grandes migrações na cidade, desemprego, gigantismo urbano, retirando do indivíduo sua identidade. Todo esse processo prejudica o indivíduo e sua vida tradicional. A crítica dos antropólogos se define no sentido de a sociedade ver o mundo rural como símbolo de atraso, sendo substituído pelo crescimento da urbe e seu processo industrial, que o autor define como progresso.

As casas de madeira são um patrimônio histórico, que precisa ser resguardado. Porém, essa história social relacionada aos bens materiais ainda não tem uma abrangência de conservar e preservar determinados locais históricos. Marly Rodrigues aborda o significado de patrimônio relacionado a disputas econômicas e simbólicas:

O patrimônio se destaca dos demais lugares de memória uma vez que o reconhecimento oficial integra os bens a este conjunto particular, aberto às disputas econômicas e simbólicas, que o tornam um campo de exercício de poder. Mais que um testemunho do passado, o patrimônio é um retrato do presente, um registro das possibilidades políticas dos diversos grupos sociais, expressas na apropriação de parte da herança cultural (RODRIGUES, 1996, p. 195).

3 O SILÊNCIO DAS CASAS DE MADEIRA NA REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA

3.1 A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA A PARTIR DOS RELATOS DE ALGUNS MORADORES DAS CASAS DE MADEIRA

A relevância da memória coletiva tem alcançado novos olhares nas últimas décadas. Alguns autores, têm estudado uma memória não unicamente individual, mas coletiva. Para Fábio Vergara Cerqueira, (2005, p. 99-100), a memória traz sensibilidade ao comum, materializado na ação coletiva com o outro, possibilitando memórias distintas dos variados grupos sociais, levando-os a ver que o patrimônio não se revela somente no belo ou no extraordinário, mas em suas formas de expressão/manifestação/fazer que simbolizam a memória coletiva. Edgar Salvadori de Decca define a memória coletiva relacionada aos sentimentos coletivos do passado. Afirma:

Enfim, os suportes da memória coletiva, que sempre foram elementos principais da criação do sentimento de continuidade e de preservação das sociedades pré-industriais, foram paulatinamente destruídos e hoje o cidadão se sente cada vez mais mutilado em seus sentimentos coletivos com relação ao passado (DECCA, 1992, p. 130).

Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (2000, p. 14, 17) aborda o conceito de memória como a capacidade do ser humano de conter fatos e vivências do passado, retransmitindo essas experiências às novas descendências, por meio de distintos suportes empíricos, como imagem, som, música, textos, entre outros. Para a autora, existe uma memória individual que revela o próprio viver experimental, porém, essa memória contém características da memória de um grupo social, ou seja, onde houve a socialização do sujeito. A autora também afirma a existência de uma memória subjetiva, por que tem referências a experiências somente da pessoa, única em si mesma, porém, inclui o social, tornando-se coletiva, pois está firmada em grupos sociais e em signos que se configuram na socialização que constrói a essência de uma sociedade.

Jacques Le Goff (1992), em seu livro “História e Memória”, aborda que no final do século XII surgem novos conceitos de memória; nesse período, isso em 1235, surge a Rhetorica novíssima, composta por Boncompagno da Signa, na qual a memória é definida assim: “O que é memória? A memória é um glorioso e

admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (LE GOFF, 1992, p. 453).

Le Goff afirma que é com os gregos que ocorre uma progressão para uma memória coletiva baseada na história. Em um estudo de Ignace Meyerson sobre memória individual caminhando para a memória coletiva, como na Grécia Antiga, J. P. Vernant conduz a esta ideia: “A memória, distinguindo-se do hábito, representa uma difícil invenção, a conquista progressiva pelo homem do seu passado individual, como a história constitui para o grupo social a conquista de seu passado coletivo” (VERNANT, 1965, p. 41). Dessa forma, o desenrolar da memória coletiva no decorrer do tempo, passou por grandes mudanças e, com isso, ocorre o surgimento das ciências sociais, perpetuando um papel relevante na interdisciplinaridade, cujo pensamento se instala entre elas. Sociologia, antropologia, psicologia, entre outros, integrando nesse meio e definindo a importância do conceito de memória. O autor, afirma que a memória constitui a essência da identidade, tanto individual quanto coletiva, e essa realização fundamenta as ações dos indivíduos e das sociedades na atualidade (LE GOFF, 1992, p. 476).

Para Leandro H. Magalhães, Patrícia M. Castelo. Branco e Elisa Roberta Zanon, citando a memória afetiva relacionada ao pensamento de Le Goff, assim descrevem:

A comunidade, a sociedade deve ter um elo afetivo que a ligue e a situe no seu espaço, na origem do processo que as caracterizou: a memória dos habitantes que faz com que estes percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. (MAGALHÃES; BRANCO; ZANON, 2009, p. 157).

Na década de 1950, Maurice Halbwachs lança seu livro, formulado nas memórias coletivas. Nessa obra, retrata a psicologia social vinculada às atitudes, comportamentos, mentalidades. Enfim, esse novo objeto da nova história, caracteriza-se pela criação de uma história voltada a uma história científica, e está integrada a outras disciplinas e suas formas de pensar esse coletivo. Para o autor, a história está ligada aos quadros sociais da memória e esses estão associados à memória formada socialmente, estando vinculada ao problema da recordação e do fato de localizar as lembranças no tempo. Dessa forma, para Magalhães e Vanda de Moraes: “os quadros sociais de memória -, portanto é até onde a recordação pode

alcançar” (MAGALHÃES; MORAES, 2011, p. 29). Esse lembrar, de acordo com Halbwachs, está inserido aos quadros sociais reais que têm como base as recordações coletivas, formadas por grupos, locais e acontecimentos públicos, datas, eventos, instituições.

Para Halbwachs, os quadros sociais reais declaram que não tem como compreender o problema de localizar e evocar as memórias sem que estas passem pelos quadros sociais reais. Nesse sentido, o ato de lembrar está relacionado à memória individual, que se liga à coletividade da qual fazemos parte, destacando os laços de afetividade que essas lembranças de igualdade entre si estabelecem uma mesma ligação entre esses sujeitos históricos.

O autor afirma que a memória é sempre construída em grupo e também é um trabalho do indivíduo. Existe a suposição de que o sujeito se lembra com mais facilidade dos acontecimentos que viveu em grupo, e que essa lembrança fica até o tempo em que o grupo existir na memória de seus integrantes. Halbwachs afirma que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 1990, p. 26).

A memória individual, segundo Halbwachs, está relacionada ao coletivo, pois em tudo que o sujeito faz ele não está só, porque nosso pensamento se desloca de um determinado grupo a outro. Nesse sentido, nossas lembranças não são somente individuais, pois outras pessoas, grupos, ambientes, fazem parte dela, tornando-se assim, memória coletiva. O autor, em sua ideia de pensamento coletivo, assim afirma: “Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo [...] e através dos quais eu permaneço em contato com eles” (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Dessa forma, o homem não está totalmente só, pois faz parte de uma sociedade. Nesse sentido, Maurice Halbwachs afirma que: “Toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (HALBWACHS, 2004, p. 85). Para Halbwachs, o instrumento catalisador e socializador da memória é linguagem e “as convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva” (BOSI, 1999, p. 56).

Pierre Nora define a memória coletiva como aquilo que fica do passado na experiência vivida pelos grupos, ou o que os grupos sociais fazem do passado (NORA, 1993, p. 18)).

Henri Bergson, em 1896, publica a obra *Matière et Mémoire*. Nessa obra, descobre que existe uma memória superficial e anônima, semelhante ao hábito, ou seja, uma memória profunda, pura, pessoal, que não pode ser analisada visando coisas, mas sim progresso. Para o autor, “a memória seria o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BOSI, 1999, p. 47). Essa abordagem espelha a ligação do espírito associado à memória, incluindo talvez, até a alma. Para Bergson, isso condiciona a fenomenologia da lembrança (BOSI, 1999, p. 46), na qual afirma que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (BOSI, 1999, p. 48). Segundo Bergson, seguindo a ideia do processo psicológico total, “a memória permite a relação do corpo presente com o passado [...] (BOSI, 1999, p. 46).

Bergson atribui a memória como conservação do passado. Para ele, essa lembrança sobrevive no presente por meio das lembranças, construídas no próprio sujeito e no inconsciente de cada um (BOSI, 1999, p. 53). O autor, apoiando a ideia de Halbwachs, também trabalha a memória coletiva associada aos grupos, na qual cada um define o seu próprio tempo e espaço vivenciado. Para o autor, o passado continua vivo dentro da memória dos indivíduos, porém, existem obstáculos, pois o cérebro impede a lembrança de todas as partes de determinado acontecimento. Segundo Bergson: “[...] as imagens dos acontecimentos passados estão completas em nosso espírito, isso é, na parte inconsciente de nosso espírito” (HALBWACHS, 2004, p. 81).

O autor, relata o “tempo vivido” (HALBWACHS, 2004, p. 107), em que aborda o tempo vivenciado pelo sujeito e seu grupo, delimitando a memória de cada um em um determinado tempo comum. Neste sentido, para Bergson:

Cada grupo definido localmente tem sua própria memória, e uma representação do tempo que é somente dele. Acontece que cidades, províncias, povos, fundem-se numa nova unidade, logo o tempo comum se amplia e, talvez avance mais no passado, ao menos para uma parte do grupo, que se encontra então a participar de tradições mais antigas (BERGSON apud HALBWACHS, 2004, p. 111).

Walter Benjamin, assinala que a memória coletiva e espacial das pessoas está relacionada ao espaço e à observação das passagens, definindo desta forma: “a rua se conhece, assim como a sala de estar que é habitada coletivamente”. O espaço, de acordo com o autor, é definitivamente coletivo e a paisagem de uma passagem constrói identidade e pertencimento, “e apenas a apresentação daquilo que nos é familiar e que nos condiciona é importante” (BENJAMIN, 2007, p. 903, 908).

Para Paul Thompson, é importante preservar a memória espacial e física dos indivíduos, assim como valorizar a descoberta da memória do homem. Thompson, concordando com Halbwachs e Bergson, afirma: “a memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, p. 17). Focalizando o pensamento de memória individual e memória coletiva, é possível enxergar no subprojeto de pesquisa sobre as casas de madeira, várias histórias individuais que se tornaram coletivas, pois ao conversar unicamente com um só morador, foi possível constatar as mesmas histórias e memórias da cidade de Londrina no diálogo de outros moradores.

Nesse sentido, pretende-se relatar algumas considerações sobre a memória individual e a memória coletiva, a partir dos relatos de alguns moradores das casas de madeira, concordando com as ideias dos autores citados acima, principalmente de Thompson, que afirma que a memória de um pode ser a memória de muitos. Assim, as casas de madeira de Londrina reproduzem histórias da cidade, entrelaçadas com histórias e memórias dos antigos moradores, formando, dessa forma, uma memória individual e única de si mesmo, porém, essa memória se une à coletividade dos vários grupos envolvidos nessas lembranças passadas, que juntas se unem ao presente, tornando-se memórias coletivas.

O morador da Rua Uruguai foi cordial e nos atendeu no portão, nos convidando a entrar e respondendo a todas as perguntas. Mostrou um álbum de fotografia da família, quadros com a foto da mãe, jornais, livros sobre Londrina, carnês de IPTU com a finalidade de termos informações sobre a metragem da casa e do terreno. De acordo com o morador, a casa foi feita em 1950. Antes da casa, o local era um rancho. O pai do morador trabalhou na CTNP - Companhia de Terras do Norte do Paraná, falou que a companhia de terras era muito correta na organização da cidade e que fazia preços acessíveis aos moradores, de modo que pagavam o terreno com a safra de suas colheitas.

O local tinha várias minas e a parte mais abaixo da casa dele era melhor para lavar roupa. As mulheres que moravam na parte alta da cidade desciam para lavar roupa nas minas abaixo da casa dele. Uma das minas passava pelo marco zero da cidade. A professora Rosely Lima, explicou que: “as minas eram realidade de todo bairro distante do centro da época, tinha minas atrás do cemitério, nas datas vazias do Jardim Ipiranga, que hoje é o Zerão, entre outros lugares da cidade”. O morador disse que vai reformar a casa de madeira, pois a casa precisa ser preservada porque não resiste com o tempo. Contou que a casa de madeira é quente no frio e fria no calor, também tem um porão e um banheiro em alvenaria com um jardim muito bonito no fundo da casa, do tempo em que a casa foi construída. O morador coleciona reportagens da Folha de Londrina desde 1996 sobre a história de Londrina e tem álbuns de fotografia da mãe, da casa dele e outras casas do bairro. É um memorial da cidade preservado nos jornais, livros e álbuns da família.

Com relação às lembranças, Bachelard, afirma que: “[...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados” (BACHELARD, 1978, p. 202).

A Copel comprou vários terrenos abaixo da sua casa. A casa representa ao morador a continuação da infância, pois nasceu em Londrina nesse mesmo terreno, mas a casa ainda não existia. Como cita Bachelard, “[...] a casa mantém a infância imóvel ‘em seus braços’” (BACHELARD, 1978, p. 201).

Na Rua Goiás, a filha de uma moradora de Congoinhas foi quem nos atendeu no portão. Quando chegamos ao local ela estava lavando a calçada do fundo da casa. Três pessoas moram na casa: o casal e a mãe. Falou que a mãe é de Santa Catarina, tem 90 anos e é proprietária da casa, mas estava viajando. A mãe comprou a casa em 1948, quando ainda era solteira, depois casou e mudou para outra cidade e, depois, voltou a morar na casa novamente. Depois, a mãe dela veio morar na casa com os pais. O local onde hoje é um estacionamento em frente à sua casa, era a casa dos seus tios, no período de 1945 a 1948.

O local tem um terreno e uma casa, sendo que uma parte da casa é de alvenaria, mas as casas são juntas. A casa foi reformada e tem partes que não são originais. Quando questionada sobre a tipologia da casa de madeira, ela disse

que é peroba-rosa e que não consegue enfiar um prego na parede, tem que ser com furadeira, pois a peroba-rosa é uma madeira boa e de qualidade.

A proprietária e moradora da Rua Maranhão nos atendeu no portão e nos convidou a entrar, conversamos sentados em três cadeiras encostadas na parede da casa, que fica no fundo. A casa é herança dos pais e foi comprada em 1944. Contou que quando o pai comprou o terreno a casa da frente já existia.

O pai, foi pioneiro e colonizador de Londrina e faleceu há dois anos e meio. O pai da moradora tinha um estacionamento do outro lado da rua, de frente com essa casa. Relatou que era seu pai quem trazia as mudanças das pessoas e supõe que a casa onde mora foi construção de distoqueiros da Avenida Paraná. Distoqueiros eram homens que tiravam os tocos das árvores que eram derrubadas para as construções das casas. Maria Cristina foi morar na casa para cuidar da mãe. A casa sofreu muitas reformas. Falou que a casa já foi de tudo um pouco (garagem, quartinho). Disse que a casa dá muito trabalho, desgosto total. No inverno é muito fria, mas vedou as frestas da casa, fica muito úmida dentro e embolora as coisas. Não abafa o som, dá para ouvir o que as pessoas na rua conversam. Disse que o marido detesta a casa.

A casa é recordação dos pais e pertence a sete irmãos, todos herdeiros. Ela tem fotos dos pais na cozinha e quando a família está toda reunida na refeição é como se os pais estivessem ali, por causa da foto exposta na cozinha. São descendentes de italianos e italiano é assim, disse ela. Falou que as crianças amam o quintal grande e que a neta brinca muito quando vai lá. Disse que é muito caro manter o jardim e quando precisa podar as árvores gasta mais ou menos mil reais e gasta muita água, pois tem que limpar o quintal sempre por causa dos pés de jabuticaba que caem bastante e suja a casa se não limpar.

Relatou que a peroba-rosa é uma madeira boa e que para pregar um prego na madeira era difícil. Disse que a casa estralava e tremia quando o trem passava e tinha fogão a lenha. Contou que a metragem da CTNP - Companhia de Terras Norte do Paraná, contém terrenos grandes. A casa dela é no fundo da casa do alfaiate da Rua Sergipe, onde há três casas. A moradora nos levou até o muro de sua casa, onde vimos as três casas. Ela formou-se em História na UEL em 2002, é professora e dá aula no Cebeja e no Barão do Rio Branco. Contou que o professor Jozimar foi seu orientador e que gravava as aulas dele, falou que conhece a Márcia Teté, a Ana Heloisa Molina e a Sonia Adum. O seu TCC – Trabalho de Conclusão

de Curso, foi sobre Lucien Febvre, fez pós em História e Ensino e Teoria da Arte no CECA. Começou a fazer mestrado, mas desistiu porque não conseguia conciliar os horários do mestrado com as aulas nos colégios, mas disse que adora estudar e que se pudesse ainda estaria estudando. Contou que a irmã mais velha, Zuleika, que mora na casa no fundo do quintal, é uma das fundadoras do Museu, junto com o padre Carlos Weiss, e também organizou os amigos do museu.

Dessa forma, descobrimos na pesquisa várias Londrinas dentro de uma só, por meio dos depoimentos dos diversos moradores, construídos por meio da memória individual, envolvendo a coletividade. Nos relatos de cada morador percebemos a construção de recordações, histórias e memórias individuais que em contato com outras pessoas tornaram-se coletivas. A história da casa de madeira, construída segundo a maioria, da peroba-rosa, revela não somente um espaço de vivência, mas de afetividade e amor.

Ítalo Calvino, em sua obra “As Cidades Invisíveis” (1998), relata que a cidade é uma construção espacial e pode ser percebida por muito tempo no espaço urbano, na qual cada sujeito tem pontos que se associam com alguns lugares ou com seu todo, formando assim, sua identidade. Nesse sentido, a casa de madeira resulta na materialização de uma cultura determinada pela imagem construída por seus moradores, relacionando aos sentidos e no imaterial, nas lembranças, sentimentos, impressões vividas no dia a dia do ambiente da cidade. Dessa forma, o autor coloca:

[...] a viagem conduz à cidade de Tamara. Penetra-se por ruas cheias de placas que pendem das paredes. Os olhos não veem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas: o torquês indica a casa do tira-dentes; o jarro, a taberna; as alabardas, o corpo de guarda; a balança, a quitanda. [...] como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber (CALVINO, 1998, p. 17-18).

Para Kevin Lynch, os elementos urbanos, neste caso as casas de madeira, fazem parte do imaginário coletivo, colocando a legibilidade e a imaginabilidade em sua forma inseparável, contribuindo assim para que a pessoa se oriente na vivência social e para tudo que fizer numa cidade contemporânea. O autor explica a legibilidade como sendo a facilidade pela qual as partes de um sistema podem ser reconhecidas e organizadas, formando uma coerência e a

imaginabilidade, como uma qualidade de um determinado objeto físico, que lhe dá uma maior probabilidade de evocar uma imagem forte em sua observação. Para Lynch, uma cidade só poderá ser considerada coerente quando seus bairros, marcos, limites e vias facilitam o modelo mental de cada indivíduo que integra uma área urbana.

José Guilherme C. Magnani, antropólogo da Universidade de São Paulo, afirma que a antropologia é uma ciência destinada não só a estudar o homem primitivo, o homem do campo, mas estudar o homem urbano, a metrópole em si. O autor define a antropologia como a ciência do homem, visando o estudo de suas experiências humanas e no interesse em se apropriar delas, fazendo dessa apropriação conhecedora, sua particularidade. Para ele, “a antropologia, lá ou cá, na floresta ou na cidade, na aldeia ou na metrópole, não dispensa o caráter relativizador que a presença do ‘outro’ possibilita” (MAGNANI, 2000, p. 21).

Enfim, a problematização que envolve as memórias individuais e coletivas está associada a novas direções na área patrimonial e cultural, colocando à prova conflitos ao redor das políticas culturais e identitárias. A interdisciplinaridade norteia a compreensão da forma de viver e as relações sociais do ser humano, e o reconhecimento das representações simbólicas e plurais vinculadas aos bens materiais múltiplos, são padrões de identidade e fazem parte dos diversos grupos sociais que se aglomeram na cidade (MAGALHÃES; BRANCO; ZANON, 2009, p. 100).

3.2 ANÁLISE DOS DEPOIMENTOS DOS MORADORES DAS CASAS DE MADEIRA NA REGIÃO CENTRAL DE LONDRINA

Durante a pesquisa, foram obtidas informações de casas que estavam fechadas, umas pela ausência do morador, outras pelo fato de estarem muito velhas, não sendo alugadas por este motivo, outras que seriam demolidas por esse mesmo motivo e pelo qual uma nova reforma seria inacessível devido ao alto custo da obra, outras, ainda, pelo fato de os filhos desejarem a venda, porém os pais não aprovarem, devido a casa possuir valor sentimental para eles. Alguns terrenos com casas são de herdeiros, alguns já estão à venda, outros ainda esperam por uma maior valorização do local.

Existem terrenos que estão na responsabilidade de parentes e que serão vendidos após a morte dos proprietários. Também existem casas que estão fechadas para serem alugadas, nas quais o proprietário nunca morou, e compram-nas para o rendimento com o aluguel. Um deles destacou que o aluguel da casa de madeira às vezes é bem maior que a de um apartamento, trazendo um bom rendimento financeiro. Existem moradores que moravam em casa de madeira e que foram morar em apartamento, mas não gostaram e retornaram a morar na casa de madeira. O apartamento foi alugado. Os filhos de proprietários insistem para que os pais deixem o local onde moram e a casa de madeira, para que os mesmos decidam morar em apartamento, mas os pais não querem deixar o local pelo valor sentimental, pelo apego ao lugar e à casa.

Outros entrevistados que são jovens e nunca moraram em casa de madeira, herdaram a casa que hoje é comercial. Percebemos que só estão no local para ganhar dinheiro e que não têm apego sentimental pela casa de madeira. Existem aqueles que moraram a vida toda na casa de madeira, porém, ela não tem valor sentimental algum, somente moradia. Outros moradores relataram que a casa de madeira tem valor sentimental porque traz lembranças familiares, por isso querem preservá-la. Também existem filhos que são herdeiros das casas de madeira, mas não querem reformá-las pelo fato de já estarem muito velhas e por não possuírem valor sentimental para eles. Um deles disse que a casa de madeira, herança de sua mãe, representa sujeira, traça, mofo, cupim e outros insetos.

Houve proprietários que não quiseram dar informações sobre a casa de madeira, principalmente os descendentes de japoneses, que demonstraram ser muito reservados. A casa de madeira representa antiguidade para alguns moradores. Existem filhos de proprietários que querem que os pais vendam a casa, mas os pais se recusam a vendê-la, pois sabem que serão demolidas e afirmam que a casa de madeira deve ser preservada. Também há moradores que gostam da casa porque foi construída com a peroba-rosa, uma madeira nobre. Para alguns moradores, a casa de madeira tem valor afetivo porque foi construída pelo pai. A casa de madeira também representa mais segurança para alguns moradores. Também existem casas de filhos de pioneiros, as quais serão demolidas para a construção de comércio, pois o proprietário recusa-se a reformá-la e não deixa o inquilino fazer a reforma, pelo fato da casa estar muito velha.

Alguns casais relataram que a casa representa muito sacrifício, pois não tinham dinheiro para construí-la, que foi uma época muito difícil e trabalhosa. Tem filhos que estão responsáveis pela casa dos pais, alguns pretendem demolir as casas por estarem muito velhas. Existem filhos desses proprietários que compraram apartamentos para os pais, mas eles se recusaram a sair da casa de madeira. Alguns filhos de proprietários relataram que a casa é recordação dos pais, mas que dá muito trabalho, sendo um desgosto total, porque no inverno é muito fria, fica úmida e embolora as coisas dentro de casa, também conseguem ouvir o que as pessoas da rua conversam porque ela não abafa o som. Alguns moradores japoneses recusaram-se a falar conosco. Outros aceitaram conversar brevemente, mas não permitiram a imagem fotográfica da casa.

A grande maioria dos proprietários das casas de madeira já sofreram especulação imobiliária. As construtoras não querem pagar o valor real do terreno, oferecendo trocas no lugar do dinheiro, como carro e outros objetos, porém, os proprietários recusaram. A maior parte dos proprietários das casas de madeira disseram que o local, logo após ser vendido, será utilizado para a construção de edifícios ou comércio, por isso não querem vender seu imóvel. Muitas casas foram alugadas para utilização de comércio, as quais são reformadas antes de serem alugadas, pelo fato de estarem bem velhas.

Alguns moradores não autorizaram nossa entrada na casa, nem fotografar, devido ao fato do imóvel ser alugado e não terem autorização para tal, portanto, as casas de madeira foram fotografadas somente pelo lado de fora. Alguns proprietários se recusaram em ceder as informações, outros estavam com pressa e não nos atenderam.

O número de 121 casas de madeira pesquisadas não é exato, pois muitas casas estavam fechadas e não foi possível adentrar no terreno e nem na casa. Os proprietários são todos idosos e não foram questionados sobre a idade, a não ser que eles falassem, pelo fato de ser constrangedor (alguns deles perguntavam: “que idade você me dá?”). Os não ditos, como diz Michel de Certeau, foram entendidos durante a pesquisa, em que percebemos que alguns filhos e netos só estão à espera da morte dos pais e avós, para venderem o terreno com as casas. Os não ditos podem ser constituídos de percepções que compreendemos durante a pesquisa, relativas ao que as pessoas não disseram, mas que foram percebidas através dos diálogos.

Nesse sentido de não-dito, Michel De Certeau, em “A Escrita da História”, declara que a escrita de uma história é também uma memória; a prática de uma escrita, segundo Certeau, é a própria memória (DE CERTEAU, 1982, p. 315). A escrita da história produz uma narrativa histórica, porque traz características de uma experiência temporal (RICOEUR, 1994, p. 15). Para Certeau, a relação temporal se forma na ação de um sentido de pertencimento e o desapego como separação. Separação esta que tem um significado de uma presença que se esvai, que se coloca na relevância de uma escrita (DE CERTEAU, 1982, p. 315). A narrativa histórica atua como a escrita da história, pois, como diz Certeau, ela:

tem uma função simbolizadora, permite a uma sociedade situar-se, dando-lhe na linguagem um passado e abrindo um espaço próprio para o presente: marcar um passado é dar lugar à morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, estabelecer um lugar para os vivos (DE CERTEAU, 1982, p. 107).

Essa ideia do autor configura-se com o esquecimento na história, suas ausências, no desaparecimento das construções, que não se dissocia da forma escrita, constituindo-se por narrativas que expressam a memória das potências vinculadas ao passado, que não produzem nem trazem significado às imagens apagadas/silenciadas que se reencontram na sua origem ou a primeira verdade, mas consiste numa formulação reflexiva ao que pode ser inaudito na história de um não-dito e nas relações presenciadas que outrora foram objetos de esquecimento.

Essa narrativa não levaria a um acúmulo total e ordenado de fatos históricos, necessariamente ditos, ou seja, que aconteceram, mas, estaria relacionado a uma memória de um acontecimento histórico que não se identificaria necessariamente com o episódio na história. Seria, de certa forma, um construto de acontecimentos históricos, um objeto de questionamento relacionado entre memória e esquecimento, que aborda um projeto que constrói temporalidades, várias ligadas umas às outras. Essa ideia parte da possibilidade de se construir um trabalho que surge do ponto interrogativo da história-memória, partindo da apelação ao presente.

A história é formada de esquecimentos, ausências que conduzem a uma escrita. Essa escrita deriva de uma atividade que conduz a um sentido e que se inscreve numa inteligibilidade em relação ao passado, que pode também ser algo sofrido, resultando em acontecimentos que se estruturam e se transformam em objetos a serem pensados, representando uma origem que organiza, ao mesmo

tempo em que escapa (DE CERTEAU, 1982, p. 54). A narrativa histórica propõe um “dizer” e tem sua essência num começo que produz uma suposição relacionada a um objeto perdido, em uma origem formulada em um desenvolvimento pautado numa forma de pensamento (DE CERTEAU, 1982, p. 54-57).

Michel Pollak, seguindo essa ideia de não-dito, esquecimento e silenciamentos, relata que existem diversas forças e costumes que envolvem a memória coletiva, conduzindo-a a uma manifestação de representação sólida e pautada no duradouro, cheios de estabilidades e numa continuação infinita. Essas perspectivas permitem observar, na história, os momentos do não-dito, dos silenciamentos, dos esquecimentos, que têm a necessidade de construir representações cuja ênfase se condiciona a uma força “quase institucional da memória coletiva”, que agrega as sociedades, levando-as a serem desconsideradas (POLLAK, 1989, p. 8,9).

A memória histórica acentua sua distinção em contraposição à memória coletiva das sociedades, pois procura dar forma empreendedora a um trabalho de construção por onde as ausências na história se aglomeram e formam significados, contruindo esquecimentos, silêncios, onde as vontades, mesmo apagadas, formam cenas que organizam a história. Essa cisão entre memória e história caracteriza as concepções da história, em que o fator principal está depositado no registro da memória coletiva das sociedades, marcando da mesma forma as perspectivas que de algum jeito recusam-se à forma narrativa da história.

Nesse sentido de separação entre memória e história, Pierre Nora, historiador francês, também afirma que existe uma diferença entre história e memória. A memória é história, porém, a memória é vaga, desconexa, passageira, mas a história é fixa, produzida por documentos/acontecimentos, vestígios e comprovações. A problemática dos lugares, segundo a autora, está repleta de lugares de memória, cheios de significados, entretanto esses lugares são fugidios e cambiantes, contendo a capacidade de segurar ao máximo o sentido, com poucos sinais, e isso torna os lugares da memória apaixonantes, pois só vivem com percepção a metamorfose e a continuidade a ressaltar os significados sem previsões de suas ramificações. Os lugares da memória podem, de certa forma, ser a própria memória, porém, estão repletos de desconexões que não podem de forma reflexiva ser confirmados pela história, segundo a autora. (NORA, 1993, p. 25).

3.3 O SILÊNCIO

Londrina é uma cidade planejada . De acordo com Rego (2009, p. 99), Uma parte da cidade, foi projetada por Alexandre Razgulaeff, sendo modificada por outros indivíduos no decorrer do tempo e das transformações urbanas. Para Certeau, o “[...] planejar uma cidade é tanto pensar a própria pluralidade do real quanto efetivar essa maneira de pensar o plural, é saber articulá-lo e ser capaz de fazê-lo” (CERTEAU, 1994, p.172).

Na época do planejamento, Londrina foi organizada para ter poucos habitantes, porém, nem seus planejadores, nem os primeiros habitantes contavam com o grande aumento da cidade, tanto material, quanto populacional em tão pouco tempo.(Ipac, 1995. p. 55). De acordo com Juliana Harumi Suzuki (2003, p.54), Londrina, foi planejada para abrigar trinta mil habitantes na área urbana. Segundo Paulo César Boni, (2004, p. 56) o então chamado Patrimônio Três Bocas, deixa de ter esse nome e, em 1932, passa a se chamar Londrina. Segundo Suzuki (2003, p. 54), o município foi instituído em 3 de dezembro de 1934, por meio do Decreto Estadual n. 2519, assinado pelo interventor Manoel Ribas. E em dez de dezembro deste mesmo ano, celebrou-se a inauguração da nova cidade paranaense. De acordo com esta mesma autora, Londrina, designada filha de Londres, recebeu esse nome devido a uma homenagem que um dos primeiros diretores da Companhia de terras Norte do Paraná, o Dr. João Domingues Sampaio, fez aos empreendedores ingleses.

Sobre a organização da cidade de Londrina, João Batista Bortolotti, (2007, p. 88), relata que no começo da década de 1930, leis e decretos foram elaborados para regulamentar a cidade. O prefeito Joaquim Vicente de Castro, assinou as leis e um dos decretos foi estipulado em 29 de janeiro de 1935 com o número 9, que previa a normalização dos serviços de construções, reconstruções, alinhamento, nivelamento e demolições de edifícios nas áreas urbanas e suburbanas da cidade. Neste período, já existia a preocupação com a organização, estética e a limpeza da cidade, como relata o Decreto de número 18 assinado pelo mesmo prefeito em 12 de março de 1935.

As ruas, praças e avenidas também deveriam ser protegidas pelo decreto. Segundo Bortolotti, (2007, p. 88), não deveria ter objetos, cartazes, escrita, pintura de figuras, riscos nas paredes de prédios e muros, exposição de mercadorias

e objetos para a venda do lado de fora dos comércios, colocação de roupas, tapetes, colchões de frente para a rua, fixação de mensagens de letreiros colocados incorretamente e placas com inscrições nas paredes sem a aprovação da prefeitura. Sobre as avenidas, Boni, (2009, p. 23), aborda a história da Avenida Higienópolis. Essa avenida, foi idealizada e projetada por causa de um funcionário da CTNP – Companhia de Terras Norte do Paraná. De acordo com o Ipac (1995, p. 17).

Eugênio Victor Larionoff, acompanhado de George Craig Smith, que procurou Arthur Thomas, pedindo para que abrisse uma avenida grande. Esta inspiração veio do bairro aristocrático de Higienópolis, em São Paulo, onde sua família Morava.

Na década de 1930 a Higienópolis se apropriava do estilo paulista trazendo a cidade um jeito burguês nos mais afortunados economicamente. Em 1940, principalmente nas décadas de 1950, a Higienópolis mostrava o aburguesamento dessa região da cidade. Com o passar dos anos, estava formado um dos bairros mais importantes e representativos da burguesia londrinense. Com a proibição das construções das casas de madeira nesta avenida, a Higienópolis foi aos poucos definindo-se como a avenida das residências de alvenaria, diferenciando-se das outras ruas da cidade, onde predominava as casas de madeira.

Bortolotti, (2007, p. 89), afirma que, em 18 de março de 1939 a Prefeitura Municipal comandada pelo prefeito, o Sr. Adriano Marino Gomes, instituiu um Decreto de número 29/39, proibindo as construções, reconstruções e aumentos das casas de madeira nos principais locais da zona urbana, com o propósito de melhorar sua característica de urbs moderna.

Segundo Yamaki, construir, reformar, reconstruir as casas de madeira era totalmente proibido. Essa proibição se estendia ao quadrilátero entre as alamedas da frente e de trás da Igreja Matriz, a rua Nova Dantzig, onde hoje é a Rua Quintino Bocaiúva, a rua do Comércio, onde hoje é a Rua Benjamin Constant e a rua Heimtal, onde atualmente é a Rua Duque de Caxias. De acordo com Bortolotti, (2007, p. 88), as ruas: Santa Catarina, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Pernambuco, Avenida São Paulo e a Avenida Paraná, também foram alvos da proibição. Yamaki, relata que depois de duas semanas, saiu um novo Edital

divulgando a proibição para a Avenida Higienópolis e Rua Maranhão. Um dos moradores entrevistados relatou que havia várias casas de madeira na avenida Higienópolis. Mais tarde surge um outro Decreto, de número 36/39, dando permissão de construir casas de madeira nos fundos, a 15 metros de distância do permitido pela lei. Isso causava a dificuldade de se cumprir a lei anterior, ou seja, o Decreto 29.

A especulação imobiliária já existia na década de 1930 e 1940, concorrendo com as construções em andamento, por área e local de um futuro promissor a seus interesses próprios, pois, segundo Zani (2005, p. 21), a Companhia de terras Norte do Paraná, concedia desconto de 50% sobre o valor do terreno para a pessoa que ocupasse e construísse imediatamente o seu lar, isso estimulou e aumentou ainda mais a ocupação da cidade. Segundo Bortolotti, (2007, p. 91) essa década favoreceu a grande expansão e o crescimento populacional, pois em uma população de 10 mil indivíduos, passou para mais de 40 mil habitantes, trazendo problemas por causa da demanda por lotes urbanizados. Surgiram então, novos lotes fora do planejamento inicial, contribuindo ainda mais para a expansão e crescimento da cidade.

Por causa do grande aumento da população, surgiram problemas pela falta de saneamento básico. O esgoto sanitário, era depositado em locais impróprios, porém, o esgoto da água da cozinha e do chuveiro era colocado em outra fossa e as construções antigas feitas em madeira tinham fossas no fundo do quintal.

Com o objetivo de melhorar a saúde dos moradores, o governo municipal, fez a lei de número 60 de 8 de setembro de 1942. Essa lei exigia a construção e a instalação do esgoto doméstico direcionado a fossa séptica, que na época era utilizada para decompor o esgoto doméstico pela forma anaeróbica, somente depois desse processo, era colocado no sumidouro.

A Lei de número 93, foi aprovada em 12 de outubro de 1943, nela exigia-se que todas as construções prediais deveriam ser construídas em alvenaria de tijolos. As construções em madeira, em determinados locais da cidade estavam proibidas.

De acordo com Bortolotti (2007, p. 91), o Código de postura exigido pela legislação em Londrina, passou a dominar o comportamento das pessoas. O Decreto de Lei número 142 de 8 de dezembro de 1945, realizado e assinado pelo

Prefeito Ary Pizzatto Ferreira, abordava que a lei deveria ser cumprida. A população citadina não poderia andar à cavalo pelo passeio, nem poderia deixá-lo amarrado em objetos nos locais públicos, como postes, árvores, grades, portões, cercas.

Os fundos de vale, também fazia parte das preocupações desse período, como diz Bortolotti (2007, p. 92), no artigo 23 do mesmo decreto, “Ninguém poderá servir-se de rios ou valas de esgoto, que atravessem os seus quintais, para despejo ou servidão de qualquer natureza”. A proteção e conservação de fundos de vales e córregos, trazia a prova de boa saúde a população, os artigos 24 e 25 do mesmo decreto relata essa questão.

Para Bortolotti, (2007, p. 92), e Widson Schwartz (1997, p. 5), nos períodos de 1942 a 1946, na época da ditadura de Getúlio Vargas, o Interventor Federal do Estado era quem nomeava os prefeitos. Os prefeitos, depois de nomeados, tinham o aval da ACIL – Associação Comercial e Industrial de Londrina, fundada em 1937. A comunidade desempenhava um papel importante na preservação da memória dos valores humanos do pioneirismo, orientando a construção das praças Willie Davids e Gabriel Martins, em 1944. Depois que acabou a ditadura, estabeleceu-se a redemocratização e com isso, surgiram muitas associações, uma delas foi a SAL – Sociedade Amigos de Londrina, que ficou a frente das questões políticas, econômicas e sociais do município, reivindicando melhorias a cidade, provocando também, forte influência nas eleições de 1947, na escolha do prefeito de Londrina Hugo Cabral.

Bortolotti, (2007, p. 93), relata que, Hugo Cabral, se viu diante de um grande dilema, pois a situação urbanística da cidade era caótica, devido a falta de infra-estrutura. Não havia serviços públicos organizados, pela falta de pessoal especializado na área e por causa do crescimento desordenado da cidade. O novo prefeito, era pressionado de todos os lados pelos donos dos loteamentos que queriam usufruir da maior zonas de empreendimentos que conseguissem obter, não se importando com os espaços públicos. Ignoravam a relevância de proteger a área dos riachos e córregos da cidade londrinense.

O atual prefeito Hugo Cabral, pensando em colocar um fim nesse conflito, viajou para São Paulo e trouxe com ele, os engenheiros Rubens Cascaldi e Ivo Ernesto Lopes. Decidiram então, em 1948, não aprovar o surgimento de novos lotes até ser elaborado um plano urbano organizado, com traçados viários bem definidos e leis para regulamentar as novas ocupações urbanas, assim como as

edificações. O engenheiro Prestes Maia, ex-prefeito de São Paulo foi convidado para fazer o plano de ordenamento urbano de Londrina. O improvisado havia chegado ao fim e com a abertura desses novos projetos arquitetônicos, essa época, tornou-se o auge da arquitetura moderna em Londrina, sendo um referencial para outras cidades dessa região.

Yamaki, (2006, p. 30) continua abordando o surgimento de um outro decreto, o de número 94/44, sendo implementado na “zona urbana de Londrina”. Essa lei era defendida pela mídia da época, reforçando o discurso oficial de que a cidade estava num nível de progresso admirável, necessitando da proibição das casas. Para os defensores dessa ideia, a nova etapa progressista para a qual a cidade caminhava não comportava as casas de madeira. Dessa forma, as casas de alvenaria cresceram em ritmo avançado, substituindo as casas de madeira. Segundo Bortolotti (2007, p. 101), as casas de madeira que seguiam o padrão de construção dos primeiros habitantes, ainda eram edificadas nos bairros novos da periferia da cidade.

No período de 1948, seguindo a década de 1950, surgem então, João Batista Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi ambos são referenciais na arquitetura moderna londrinense. A professora Zueleide Casagrande de Paula (2011, p. 29) destaca Artigas, como um dos que trouxeram à cidade de Londrina uma arquitetura diferenciada e moderna. Isso mudou a imagem e a paisagem da urbe “edificada” em meio à mata desbravada, contribuindo, nesse sentido, para uma cidade em processo de modernização.

Segundo Juliana Suzuki (2011, p. 33 e 170), as obras de Artigas e Carlos Cascaldi, embora relevantes, não podem ser consideradas as únicas responsáveis pela caracterização modernista da paisagem urbana, consolidados nos edifícios verticais da cidade. Entretanto, deve se ressaltar que os projetos arquitetônicos desses artistas, representam uma boa parte de obras que determinaram a produção e edificação dos edifícios verticais da cidade de Londrina. De acordo com Suzuki, Artigas e Cascaldi, elaboraram e realizaram muitos projetos de prédios privados e públicos em Londrina, chegando a um total de doze trabalhos entre os que foram executados e aqueles ainda a serem estudados. A antiga Estação Rodoviária de Londrina, projetada no ano de 1948, que atualmente abriga o Museu de Arte Moderna, é uma das obras de Artigas e Cascaldi. Artigas, inaugurou o modernismo em Londrina, tendo como referencial a arquitetura

carioca. A autora, relatando a arquitetura moderna centrada nos edifícios verticais, assim descreve:

A arquitetura dos edifícios verticais de Londrina incorpora elementos da sintaxe modernista. [...] Trata-se de um modernismo de caráter pragmático. [...] um modernismo domesticado apropriado para a legitimação do poder de uma elite através da construção de uma imagem progressista, uma idealização de modernidade. (SUZUKI, 2011, p. 170)

O contraste entre o antigo e o moderno, entre o novo e o velho, se faz presente nas novas estruturas de edifícios que se levantam dia após dia, deixando o passado da cidade somente nos livros, jornais, fotografias e na história e memória dos moradores, muitos dos quais contribuíram com a construção e transformação da mesma. Sobre essa década, Bortolotti, (2007, p. 103), afirma que o começo da verticalização da cidade se deu nesse período e os novos projetos arquitetônicos mudariam para sempre a paisagem da cidade, sendo um referencial das novas edificações modernas projetadas por Artigas.

Percebe-se que desde 1939 já existiam políticas de contenção e silenciamento das casas de madeira na região central de Londrina. Segundo a professora Rosely Lima, “a região central de 1939 é muito diferente da região central de 1950 e mais ainda da de 2013.

Em nossa pesquisa em 2013, alguns moradores citaram em seus depoimentos que moraram em casa de madeira na Rua Quintino Bocaiúva, porém, não encontramos nenhuma casa nessa rua; pode ser que estejam escondidas entre casas comerciais e edifícios ou já foram demolidas, até porque, esta pesquisa sobre a quantidade de casas no centro de Londrina não é exata, pois acreditamos que existam muitas casas escondidas que não conseguimos enxergar durante a realização da pesquisa. Enfim, é a partir desse aspecto que pretendemos relatar o silêncio que contém essas casas que, dia a dia, desaparecem dessa região da cidade.

A vida grupal, segundo Ecléa Bosi, está ligada à morfologia da cidade. Essa morfologia está condicionada aos ambientes, paisagens, lugares, pessoas, porém, com a expansão da indústria e com a industrialização desacelerada, isso contribuiu para a desarticulação dos ambientes, causando afastamento e deixando as pessoas sem uma raiz, ou algo que as unisse (BOSI, 1999, p. 447). Os fatos da vida passada podem ser reconstruídos pela coletividade

do grupo. Um grupo de amigos de um bairro é um bom exemplo. Juntos podem reconquistar o que foi perdido. Quando o grupo não interage entre si nessa ação coletiva, os sujeitos podem se espalhar, perdendo suas raízes. Nas sociedades antigas, a memória se apoiava na fixação dos espaços e na confiança das pessoas que conviviam no cotidiano, e nessa permanência que não se perderiam, nem se afastariam. Eram valores que estavam associados à prática coletiva, tinha os vizinhos, a família grande, o apego a algumas coisas, como os objetos biográficos. Nesse sentido, a memória antiga se apoiava em tais coisas. Para Simone Weil, o ser humano tem raiz e participação real e ativa nos acontecimentos existenciais de uma coletividade e que guardam ainda vivos alguns conceitos considerados os “tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (BOSI, 1999, p. 443). Para a autora, ter um passado é importante, é um direito de cada indivíduo.

A cidade, em si, só é habitada quando habitantes se dispõem a edificá-la. A estrutura das primeiras construções cercadas da abundância de madeira, da grande mata ainda a ser devastada, do cedro, pau marfim, peroba-rosa, cabreúva, coração negro, óleo pardo, pau d’alho, pinho, caviúna, palmito rachado, utilizado como piso, assoalho de tábuas cruas, “tabuinhas” de cedro ou de pinho. Contar a história das casas de madeira do centro de Londrina, não parece tarefa fácil, já que, em pleno século XXI, o passado da madeira está desaparecendo da história da cidade.

Seguindo esse pensamento, Zani (2005, p. 187) relata que muitos dos inventários que pesquisou em seu trabalho já foram demolidos e outros ainda permanecem fixos no patrimônio histórico e cultural da arquitetura de Londrina. O autor relata o desaparecimento das casas lavradas a machado, tanto na zona rural quanto na urbana, e diz que na zona rural ainda tem poucas, mas que na cidade todas já foram demolidas (ZANI, 2005, p. 25). A paisagem da madeira está aos poucos desaparecendo do cenário urbano central. Para o autor, essas casas fazem parte de um testemunho do passado e ajudam a contar a história da cidade e da região. Porém, as contínuas demolições se perdem no emaranhado da memória urbana e se não houver, segundo o autor, meios legais de conservação e preservação desse tipo de arquitetura, elas estarão fadadas a desaparecer do ambiente londrinense.

Zani, (2005, p. 189)), aborda a importância da preservação dessa história da madeira que esta desaparecendo da cidade. O autor revela que, uma das

formas de preservação dessa história, era a retirada da casa inteira do seu local de construção sendo deslocada para a Universidade Estadual de Londrina. A Universidade Estadual de Londrina, preserva uma casa urbana construída em 1945, pertencente à família dos pioneiros Augusto e Marta Cecília Gomes. Esta casa, situava-se na Rua Goiás, 1544 e em 1996 foi montada na UEL, sendo utilizada como sede do IPAC – Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Londrina. Para Zani, não somente a casa deve ser preservada, mas também a sua paisagem. Para o autor, esse sistema de proteção não é a ideal pois a paisagem em seu habitat natural não é preservada. Yamaki, também destaca que a paisagem também é um patrimônio, por isso é um bem que deve ser protegido e preservado. (FOLHA DE LONDRINA, 14 de março de 2004). Zani, concorda com uma política de proteção a esse patrimônio cultural e histórico. O autor defende seu pensamento desta forma:

É necessário proteger legalmente a arquitetura de madeira da especulação imobiliária, através de leis municipais e estaduais de preservação, as quais devem sempre que possível estar relacionadas com o planejamento urbano e territorial (ZANI, 2005, p. 187).

Yamaki, também relata o desaparecimento da arquitetura de madeira da cidade londrinense. Para o autor, muitas casas não resistiram ao tempo e agora só existem na memória dos desbravadores, e em fotos arquivais. O sumiço das casas vai aos poucos desconstruindo a multiculturalidade e, às vezes, a técnica milenar aplicada em suas construções.

O Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina (1995, p. 43)), relata como tema “O Progresso que destrói”, ou seja, ao mesmo tempo que avança para um desenvolvimento, o progresso mata e destrói. O progresso apaga e silencia a memória. Ele rompe, como uma força avassaladora que destrói as paisagens urbanas, junto com suas memórias/histórias. As mudanças na urbe acontecem com muita intensidade, restando muito pouco a ser testemunhado do início da cidade, em suas primeiras décadas no centro da cidade.

A primeira pavimentação em uma via pública em Londrina foi na Avenida Paraná, sendo planejada pela fixação dos paralelepípedos. Isso aconteceu no mandato do prefeito Cap. Miguel Blasi, onde fica a Avenida Rio de Janeiro e a Rua Pernambuco, no começo de 1940. A primeira rua a ser asfaltada na década de 1940, foi a Santos, que, devido ao asfaltamento, os jovens da época a

transformaram em pista de corrida, fazendo suas “rachas”, nas madrugadas. Nesse sentido, o progresso constrói e destrói, retira o antigo para a chegada do novo/moderno, silenciando e apagando a história e a memória local.

Com relação à construção de edifícios, Antonio Carlos Zani diz que, com o passar dos anos, as casas de madeira de Londrina serão demolidas para atender à grande procura por moradias, ou seja, prédios estão sendo construídos dia a dia para atender essa demanda. Segundo a professora Zueleide Casagrande de Paula, na obra *Patrimônio Histórico e Cultural*, a cidade é formada de estabilidade e instabilidades, pois se modifica todos os dias e a cada dia surgem novas construções por todos os lados. De edifícios a uma reforma residencial, na rua, na calçada. Não tem como controlar o crescimento de uma cidade nova.

Bosi, em sua obra “Memória e sociedade: lembranças de velhos”, relata as demolições da cidade, dentre elas, as casas da maior cidade do Brasil. Esses idosos relatam as demolições da cidade em transformação, entre elas, as suas casas. Existe em cada memória e história um tipo de casa: a casa da infância, a casa simples e modesta, a casa que marcou nossa vida, a casa dos sonhos e pesadelos, a casa da roça, a casa dos recém-casados, a casa de recordações, a casa onde os filhos nasceram, a casa do noivado, casamento, primeira comunhão, a casa das bodas de prata, a casa com quintal, a casa de família, a casa da paisagem, a casa antiga. Bosi declara que os velhos lamentaram perder as construções que um dia se recostaram. Havia aqueles que voltavam do trabalho e não encontravam mais no caminho a sombra das árvores para descansar. E sobre a casa, a autora assim afirma: “A casa demolida abala os hábitos familiares e para os vizinhos que a viam há anos aquele canto de rua ganhará uma face estranha ou adversa” (BOSI, 1999, p. 451). As casas foram demolidas, mas não há demolição da memória e da história que cada um tem de si mesmo e do lugar onde um dia morou.

Não somente a casa, mas os objetos que ela contém, podem ser considerados objetos de afetividade e identidade, pois, como diz Bosi (1999, p. 441): “os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade”. Na visão de Violette Morin, os objetos biográficos são aqueles que envelhecem com seu dono e fazem parte de sua vida. “Só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível” (BOSI, 1999, p. 441). Cada objeto representa as experiências vivenciadas por seus moradores e ao aprofundar na

casa se conhece as aventuras de afeto que ela traz em cada sujeito histórico. Como diz Bosi (1999, p. 443), “esses objetos povoam a memória”.

Ecléa Bosi (1999, p. 439), define que as lembranças dos velhos que entrevistou, na cidade de São Paulo, estavam apoiadas na pedras dessa cidade, ou seja, as recordações dos velhos estavam ancoradas em uma cidade de pedra que já não existe mais. O trabalho de Bosi é semelhante ao da cidade de Londrina, contendo relatos e demolições de uma cidade em transformação. Neste trabalho será desenvolvida uma comparação análoga: as lembranças se apoiam nas madeiras da cidade, já que em Londrina, estaremos falando especificamente das casas de madeira. As madeiras da cidade envolvem as lembranças das pessoas idosas, com suas histórias e memórias.

Para Bosi (1999, p. 480), o colher memórias de velhos é extremamente importante, pois é na velhice, quando já não conseguem o “fazer”, o trabalhar, que surge o lembrar, substituindo o fazer, portanto, o lembrar se torna fazer. Os sentidos, por meio da audição, é outro fator importante, pois trazem um passado ainda presente nos afetos de quem conta as histórias e de quem as ouve. As paisagens revelam sentimentos de algo que já morreu. Como diz Bosi (1999, p. 452): “Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins cimentados”, e outros permanecem ainda vivos. Um som, um objeto, um perfume, traz à memória a essência das coisas escondidas, do nosso eu, que ora estava morto, mas que um dia revive e desperta.

Ecléa Bosi, relata as transformações e demolições da maior cidade do Brasil. Esses idosos contam como a cidade era, suas obras e demolições, dentre elas, suas casas, onde viveram e viram no decorrer dos anos, as mudanças ocorridas na cidade em transformação. Muitas lembranças materiais desses indivíduos já não existem mais. Uma das frases mais repetidas dos recordadores era: “já não existe mais”. Uma das moradoras entrevistadas disse:

Nossa casa era no Largo Treze de Maio, com quatro janelas de frente: duas da sala de visita, duas do quarto de meus pais. [...] a casa era simples, modesta, meus pais eram de família pobre mas gostavam bastante de quintal: lá nós tínhamos uma cabra para dar leite. Essa casa foi derrubada muitos anos depois (D. Jovina) (BOSI, 1999, p. 436).

Segundo Bosi (1999, p. 474), “a recordação é tão viva, tão presente, que se transforma no desejo de repetir o gesto e ensinar a arte a quem o escuta”. Walter Benjamin (2007, p. 481) diz que as pessoas idosas são consideradas seres do passado, pois quando esse ser já não é mais o que pode ser, ele tem como alvo o trabalhar com mais dedicação e paixão pelas coisas. Também declara que a memória dos idosos é transmitida aos mais jovens sob a forma de conselho, ensino e sabedoria.

Muitos buscavam por uma rua, uma casa, uma árvore, guardadas na memória, porém, sabemos que jamais as encontrarão. Quando um idoso olha para a cidade, ele relembra seu passado, os lugares onde passou, onde viveu e cresceu, as ruas, as calçadas, as casas com seus aspectos antigos, agora vistos somente na lembrança. Quando um bairro ou parte dele é destruído, uma parte das lembranças da infância de seus moradores também é destruída junto com a madeira, as paredes, o quintal com pomar. Ali se vão as memórias de um tempo que passou e que não volta mais, restando somente a memória dos idosos para recontá-las.

Os lugares da memória para Le Goff, estão entrelaçados no memorial que construíram da casa, da cidade e de suas vidas no ambiente citadino. Olga Rodrigues de Moraes Von Simson relata que os lugares da memória se fazem presente nos “memoriais, monumentos, arquivos, bibliotecas, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade” (SIMSON, 2000, p. 15).

A casa de madeira hoje não é um monumento imponente como os grandes edifícios, mas é um monumento afetivo construído do material, de peroba rosa e do imaterial das lembranças de cada pessoa. Como diz Le Goff, o monumento é um sinal, uma herança do passado, é tudo que evoca o passado, que permanece na recordação. Pode ser os discursos escritos, uma arquitetura, escultura, entre outros. Monumento é tudo que perpetua na recordação dos indivíduos. Nesse sentido, a casa de madeira faz parte da memória coletiva da sociedade e, para alguns moradores, pode ser considerada um monumento de afetividade e amor.

Esse silêncio aborda uma visão da desconstrução literal, na demolição não somente material da peroba rosa, mas também imaterial, das recordações de cada um, que vêm de certa forma, sua história e memória

desconstruídas com a demolição, restando, dessa forma, somente a memória como construto do invisível em si mesmo.

Sobre as demolições, Bosi assevera: “Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas, as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas?” (BOSI, 1999, p. 452). Para a autora, não adianta demolir as casas, pois elas resistirão ao tempo, a madeira da cidade se unirá à teimosia e rebeldia da memória, que no decorrer do tempo vai repondo o seu lugar mais antigo. O passado desses idosos está sendo demolido, nas paisagens de uma vida inteira, assim como as casas de madeira, demolidas em suas histórias, memórias e lembranças londrinas. Enfim, as madeiras da cidade, enquanto ainda existem, sustentam a memória. Como diz Ítalo Calvino, a cidade em si, consolidada nas mais variadas arquiteturas, guarda sua memória, mesmo não demonstrando o belo ou raro.

Zora tem a propriedade de permanecer na memória ponto por ponto, na sucessão das ruas e das casas ao longo das ruas e das portas e janelas das casas, apesar de não demonstrar particular beleza ou raridade. (CALVINO, 1972, p. 9)

A ação patrimonial faz mediação com as práticas e representações baseadas em discursos expressados na questão do patrimônio, passando pela ideia de que o cultural se constrói na sociabilidade e que os indivíduos interagem cercados de elementos simbólicos e práticas sociais, reafirmando sua participação na sociedade. A casa de madeira pode ser descrita como um patrimônio histórico e cultural, pois a história da cidade se faz da diversidade das construções em madeira nela contidas desde o início da cidade. Para Marly Rodrigues (1996, p. 195), o patrimônio histórico “é uma vertente particular da ação desenvolvida pelo poder público para a instituição da memória social”. Se não existe uma política de preservação patrimonial, como então se produz uma educação com a iniciativa de preservação? Segundo Carlos Lemos (1987, p. 11), preservar significa manter vivo, mesmo o que já foi alterado, os usos e os costumes do povo. Também é fazer levantamentos variados de qualquer natureza.

O conceito, definição e uma política de conservação infelizmente estão distantes de acontecer e de serem esclarecidas, porque os grandes só valorizam grandes obras e construções, e nessa classe social o que impera são as

ideologias dominantes, deixando de lado as classes menos favorecidas, ou seja, as classes populares e suas ideologias tanto materiais, quanto imateriais, formuladas no seu desenvolvimento, saberes e manifestações. Seguindo esse pensamento de classes dominantes, André Luiz Ramos Soares relata:

Valorizando-se as obras e as construções das classes dominantes ou ideologias dominantes, obscurecendo-se o valor das obras das classes populares e suas construções materiais, assim, fica prejudicado o conhecimento e as manifestações de inúmeros patrimônios (SOARES, 2003, p. 23).

A problemática das casas de madeira, formatadas em seu silêncio na região central de Londrina, evoca um passado de madeira que aos poucos está desaparecendo do ambiente citadino. O silêncio que envolve essas casas é literalmente o desaparecimento delas do centro da cidade.

Percebemos, após o término da pesquisa, que algumas casas que pesquisamos já não existem mais. Uma delas estava sendo demolida no início da pesquisa. Essa casa, estava situada na Rua Brasil; havia somente uma parte dela em pé, depois de alguns dias só restava o terreno, completamente vazio. Zani (2011, p. 45) concorda com a ideia de que logo não teremos mais as casas de madeira fazendo parte da história local. As casas de madeira, como parte de um patrimônio histórico e cultural, restarão somente no passado, pois elas são, ainda hoje, uma memória local que está desaparecendo do centro de Londrina.

Fotografia 2 - Casa em demolição na Rua Brasil



Fonte: Matheus Henrique Marques Sussai (2013)

Fotografia 3 - Terreno vazio na Rua Brasil onde era a casa de madeira



Fonte: Matheus Henrique Marques Sussai (2013)

Em 2015, também constatamos a demolição da casa de uma moradora idosa da Rua Tupi, na qual conversamos durante a pesquisa. Essa moradora foi procurada para que sua casa fosse exposta na exposição no Museu Histórico de Londrina em 2015. Porém, ela não foi encontrada e a casa estava sendo demolida. Durante a pesquisa, ela relatou que a construtora Plaenge construiu um edifício ao lado de sua casa e essa construção danificou muito a sua residência e, pelo fato de a casa já estar muito velha e por causas das danificações da construção que comprometeram ainda mais sua moradia, ela não tinha condições financeiras para reformá-la.

Também contou que não tinha condições financeiras para contratar um advogado para acionar na justiça a construtora que danificou sua casa. Disse que não adianta brigar na justiça com esses grandes empresários, pois eles contratam bons advogados e sempre acabam ganhando a causa. Na época da pesquisa, ela contou que não aceitou a proposta de trocar a casa por carro, proposta feita pelas grandes construtoras da cidade. Em fevereiro de 2017, retornamos ao local onde era a casa, para saber o paradeiro da moradora, pra quem ela vendeu a casa e quanto pediram pela venda. O terreno está cercado e vazio, só restou a caixa d'água, que não foi demolida. No quarteirão onde era a casa, há edifícios, comércios e poucas casas de alvenaria. Conversei com uma vizinha, nesta mesma rua, que cedeu informações do paradeiro da moradora da casa demolida. Essa vizinha mora na última casa de madeira deste quarteirão, e contou que em outubro de 2016 fez dois anos que a casa foi vendida. Não soube dizer pra quem foi vendida, nem o valor da venda. Disse que a moradora comprou um apartamento na Rua Pernambuco e o neto que mora com ela comprou um carro.

Fotografia 4 - Casa de madeira na Rua Tupi, demolida em 2015



Fonte: Matheus Henrique Marques Sussai (2013)

Fotografia 5 - Terreno vazio na Rua Tupi, onde era a casa de madeira



Fonte: a própria autora (2017)

É necessário guardar e preservar a história das cidades novas, como Londrina. O contraste e o discurso entre o antigo e o moderno, deve prevalecer no diálogo e discussão de como os habitantes se apropriam do ambiente construído e de como cada indivíduo entende a sua história. Nesse sentido, todas as pessoas têm o direito de manter sua história, memória e cidadania conservadas e preservadas, fazendo disso um patrimônio a ser resguardado pela sociedade.

Humberto Yamaki, citando uma reportagem, assim declara: “esse contraste entre os modernos edifícios de material e primitivos casebres de madeira tende a desaparecer, em breve, do centro de Londrina.” (A Pioneira, Ano I, n. 3 e 4, 1948). Menezes e Tavares defendem uma política que consiste no preservar e conservar a arquitetura:

[...] Preservar e conservar a “imagem da cidade” como forma de respeito pela história urbana e social, pelo nosso passado, presente e futuro, implica considerar as dimensões construtivas, decorativas e estéticas, mas também os significados sentidos e valores simbólicos, sociais e culturais inerentes a tais dimensões. Tendo em conta que tais preocupações devem ser tidas como centrais, [...] que a nosso ver deveriam ser levadas em consideração num processo de conservação e manutenção da imagem urbana. (MENEZES; TAVARES, 2003, p. 1).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inventário aqui analisado como fonte desse Trabalho de Conclusão de Curso, buscou catalogar informações das casas de Madeira da região central de Londrina; não somente da casa, mas também do morador com suas histórias e memórias, da casa, da cidade e da sua vida. Não propusemos no trabalho catalogar todas as informações da casa, como quantidade de cômodos, quantidade de moradores, se foi reformada, se é mista ou não, dentre outras informações inseridas na ficha catalográfica em anexo. Nosso objetivo foi investigar as histórias e memórias afetivas de alguns moradores das casas de madeira, pois nem todos sentem afeição pela casa. Estivemos nos anos de 2013 e 2014 visitando pessoalmente as casas de madeira das ruas centrais de Londrina e conversando pessoalmente com cada morador. Foi uma pesquisa cansativa, pois andamos muitas ruas, debaixo de sol quente e quando o tempo mudava trazendo chuva, tínhamos que ir embora, pois a pesquisa era realizada na rua. Fizemos a pesquisa, algumas vezes sem almoçar, e também no período das férias universitárias. No meu caso, participei da pesquisa do inventário somente como colaboradora, pois não recebia bolsa.

A casa, em si, tem várias representações para as pessoas, pois isso depende da subjetividade de cada sujeito histórico. Porém, existe uma relação sentimental com cada indivíduo que conversamos, sentimento esse de afeição e também repúdio pela casa. Bachelard diz que a casa é nossa primeira família, ela é nosso primeiro mundo, universo e canto. Mas essa subjetividade depende dos acontecimentos de cada pessoa que convive nessa materialidade constituída pela madeira da cidade. Para alguns, a representação era afetiva, para outros, não. A grande maioria dos idosos que conversamos tinha um grande afeto pela casa e não queriam se desfazer dela. Era a casa que lutaram para construir, a casa dos sonhos, a casa que era dos pais, a casa do começo do casamento, a casa onde os filhos nasceram e cresceram, enfim, para cada morador a casa tinha um significado diferente, mas por maior que seja o repúdio pela casa, ela é, com certeza, nosso primeiro mundo e universo, como diz Bachelard: é o lugar onde construímos a nossa vida.

Ao falar em casa, é necessário contextualizar a sua história. Dessa forma, propusemos relatar a casa de madeira e sua história na cidade de Londrina,

que forma sua história no começo da cidade, desde a década de 1930, passando por 1940 até 1950. As casas de madeira de Londrina surgiram junto com os ranchos de palmito. Seguindo esse contexto histórico, decidimos relatar as primeiras construções que surgiram, destacando como foram construídas pelos carpinteiros pioneiros que aqui chegavam, munidos de várias ferramentas e que deixavam nas casas edificadas, as marcas da identidade de cada migrante e imigrante que na cidade nova construíram suas vidas.

A casa de madeira tem um valor afetivo aos moradores, muitos dos quais não querem se desfazer delas por representarem um valor imaterial que o dinheiro não pode comprar. O valor econômico das grandes empreendedoras da cidade não vale o valor sentimental que alguns moradores sentem em relação a seu lar. Para as grandes construtoras da cidade, as casas de madeira representam atraso e enfeiam a cidade. Para esse setor imobiliário, o que importa é o “progresso e a modernidade”; o antigo, o velho, o atrasado deve ser removido da cidade, junto com a história e memória de quem fez parte desse “progresso e modernidade”. Como diz o Ipac (1995, p. 143), o progresso destrói a materialidade da casa de madeira e, junto com essa destruição, se vai a memória local de um lugar histórico e antigo. Essa destruição não aniquila somente o material, mas o imaterial formado pelos sentimentos, emoções, recordações, histórias e memórias de quem um dia já fez parte dessa história da madeira da cidade de Londrina.

Algumas casas resistem ao tempo, assim como os moradores que habitam nelas, pois enquanto ainda estão vivos, perpetuam essa história e essa memória da cidade que outrora já foi formada por rancho e madeira. As casas de madeira da cidade, enquanto ainda existem, promovem um sentimento de unidade e identidade em cada morador.

Tanto a memória individual quanto a memória coletiva fazem parte da coletividade urbana. Utilizando-se de autores como Maurice Halbwachs, Paul Thompson, Henri Bergson, Jacques Le Goff, Walter Benjamin, Pierre Nora, entre outros, propusemos abordar a memória individual inserida na memória coletiva dos indivíduos das casas de madeira com que dialogamos. Nos relatos dos moradores, percebemos que a memória de um é a memória de muitos, como diz Thompson. A casa de peroba-rosa, a madeira de boa qualidade na qual os moradores não conseguiam colocar um prego na parede sem uma furadeira, o sentimento de afeto pela casa por não quererem se desfazer dela, a Londrina antiga, as ruas com outros

nomes, a Companhia de Terras Norte do Paraná. Todos esses relatos individuais se tornam coletivos e, como diz Halbwachs, a memória coletiva nunca é totalmente individual, pois ela é formada pelos grupos sociais de que fazemos parte. Um dos primeiros grupos no qual construímos nossa identidade é, sem dúvida nenhuma, a nossa família, seguido da escola, da comunidade e outras instituições em que convivemos na sociedade. Nesse sentido, destacamos os relatos de alguns moradores que abordam esse pensamento de memória individual, vinculada à memória coletiva dos vários grupos sociais que convivemos no período da pesquisa do inventário no centro de Londrina.

Analisamos o depoimento dos moradores das casas de madeira. Essa parte do trabalho avalia as casas em que estivemos e o que observamos durante os depoimentos, a maneira com que cada morador reagiu durante as entrevistas, ou seja, cada um nos recebia de uma forma diferente, pois cada sujeito tem a sua individualidade, suas características próprias, enfim, sua personalidade. Situando também o que a casa representa aos grupos sociais analisados. Não citaremos os nomes dos moradores, nem nos depoimentos de afetividade, memória individual e coletiva, nem nesta análise, pois pretendemos deixar esse material para futuras pesquisas e que estarão sob a guarda dos setores já mencionados anteriormente.

Na cidade de Londrina, encontra-se um verdadeiro contraste entre o antigo e o moderno, no qual molda-se a exuberante arquitetura moderna, e essa modernidade está substituindo o antigo, ou seja, as casas de madeira, um patrimônio histórico e cultural deste lugar. As casas de madeira da cidade de Londrina-PR estão em constante silêncio, e com o passar do tempo irão desaparecer do ambiente urbano da cidade, restando somente a lembrança nas histórias e memórias, nas fotografias e nos arquivos que detêm essa guarda.

O silêncio das casas, que se escondem atrás dos comércios, das casas de alvenaria, do olhar das pessoas e da vida urbana. O patrimônio “casa de madeira” forma seu silêncio no progresso e modernização da cidade, em que muitas delas estão sendo vendidas e demolidas para construção de edifícios residenciais e comerciais. Esse silêncio também se expressa na quantidade inexata dessas casas, pois muitas estavam fechadas e não foi possível ter acesso às informações, portanto, não tivemos conhecimento se haveria mais casas no local. O silêncio também se faz presente na destruição não somente material, mas imaterial das

lembranças que as pessoas têm do seu lugar de memória, onde nasceram, cresceram e viveram suas vidas ligadas à materialidade da casa e dos objetos afetivos que ela contém. As casas de madeira da região central de Londrina estão desaparecendo. O patrimônio histórico e cultural que faz parte da memória local de cada indivíduo está, dia após dia, sumindo dessa região, e se não houver políticas patrimoniais de conservação e preservação a esse patrimônio que está sendo extinto, talvez daqui 20 ou 30 anos elas não existam mais.

REFERÊNCIAS

A PIONEIRA. O Retrato do Norte do Paraná: **Revista Bimensal Ilustrada**. Londrina. Ano I, n. 3 e 4, set. a dez. de 1948. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

_____. O Retrato do Norte do Paraná: **Revista Bimensal Ilustrada**. Londrina. Ano II, n. 6, nov a dez. de 1949. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

AGÊNCIA UEL DE NOTÍCIAS. **Casas de madeira do centro de Londrina são tema de exposição**. Disponível em: <<http://www.uel.br/tv/site/?videos=casas-de-madeira-do-centro-de-londrina-sao-tema-de-exposicao>>. Acesso em: 7 jul. 2015.

ARIÈS, Philippe. **O Tempo da História**. Tradução Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1989.

ARTIGAS, João Batista V. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas, 1986.

BACHELARD, Gaston. (1884-1962). **A filosofia do não; o novo espírito científico; A poética do espaço**: seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Joaquim Moura Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron, Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BERGSON. Henri. **Metière et mémoire**. Paris: Alcan, 1896.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.br**: romance de formação do Brasil. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

BONI, Paulo César (org.). **Certidões de Nascimento da História**: o surgimento de municípios no eixo Londrina - Maringá. Londrina: Planográfica, 2009.

_____, **Fincando estacas!**: a história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

BORDIEU, P. **Un art moyen**. Essai sur les usages sociaux de la photographie, Minuit, Paris.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BOZELLI, Carlos. **Arquitetura de Madeira na Zona Urbana de Londrina**: Londrina. Atrito. Art., 2004.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução de Heloisa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CERNEV, Jorge. (org.). IPAC/LD - **Inventário e proteção do acervo cultural de Londrina**: memória e cotidiano: cenas do Norte do Paraná: escritos que se recompõem. Londrina: UEL/MEC/SESU, 1995.

_____. IPAC/LD - Inventário e Proteção do Acervo Cultural de Londrina: onde o bairro é a casa. **Projeto de pesquisa e extensão da Universidade Estadual de Londrina**. Londrina: Concitec/UEL, 1985.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio Cultural, Escola, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. **Diálogos**. DHI/PPH/UEM, v. 09, n.1, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e Cidadania. In: **O Direito à Memória**: Patrimônio Histórico e Cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura do Município de São Paulo / Departamento do Patrimônio Histórico-DPH, 1992.

FOLHA DE LONDRINA. **Museu abre exposição sobre casas de madeira.** 07 jul. 2015. Folha 2. Disponível em: <http://www.folhawe.com.br/?id_folha=2-1--652-20150707>. Acesso em: 07 jul. 2015

FOLHA DE LONDRINA. GALÃO, Fábio. (Reportagem local). **Memória em perigo:** Em Londrina, patrimônio está sendo ameaçado: casas de madeira são demolidas e poluição visual esconde parte da história, p. 11. Domingo, 14 de março de 2004.

FOLHA DE LONDRINA. VICENTINI, Caroline. (Reportagem local). **‘Não vendo, não troco, não dou’:** Casas antigas, espaçosas e com localização privilegiada fazem com que moradores resistam às mudanças e às várias ofertas de venda. Folha Cidades, o Jornal do Paraná. p. 03. 8 jan. 2009.

FOLHA DE LONDRINA. Zani, Antonio Carlos. **Memória na madeira:** O professor Antonio Carlos Zani, lança hoje o livro “Arquitetura em Madeira”, em Londrina. Folha 2. Livraria UEL. Quarta-feira, 2 de junho de 2004.

GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **Patrimônio Histórico e Cultural:** cidade de Londrina-PR. Londrina: LEDI, 2011, v. 5.

GUARINELLO, Norberto Luís. Memória coletiva e história científica. **Revista de História,** São Paulo, v. 15, n. 28, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **A memória coletiva.** Tradução de Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Bernardo Leitão. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LEMOS, Carlos. **O que é Patrimônio Histórico.** São Paulo, Brasiliense, 1987.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MAGALHÃES, Leandro Henrique; BRANCO, Patrícia Martins Castelo; ZANON, Elisa Roberta. **Educação Patrimonial:** Da teoria à Prática. Londrina-PR: Unifil, 2009.

MAGALHÃES, Leandro Henrique; MORAES, Vanda de (Orgs.). **A Construção de políticas patrimoniais em cidades novas.** Londrina: EdUnifil, 2011.

MAGNANI, José Guilherme C. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 2001.

_____. **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. Lilian de Lucca Torres (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

MARQUES, Aleksa, NOGUEIRA, Gabriela. Revista Vesta. Do palmito à madeira: O repertório arquitetônico de Londrina. **Revista Laboratório dos cursos de Arquitetura e urbanismo e jornalismo da Universidade Norte do Paraná**, Londrina, ed. 2, ano 0, 22 dez. 2016.

MENEZES, M; TAVARES, M. A imagem da cidade como patrimônio vivo. In: **Anais do terceiro simpósio de iniciação científica**. ENCORE, LNEC, 3., 2003, Lisboa, Portugal.

MORIN. Violette. L objet. *Communications* 13. 1969.

NORA. Pierre. Entre Memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

_____.Mémoire Collective. In. GOFF, J. Le; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). **La nouvelle histoire**. Paris: Retz, 1978

O Portal do Patrimônio Histórico e Cultural da Cidade. **Identidade Londrina**: O que é Patrimônio? Disponível em: <identidadelondrina.com.br/patrimonio/o-que-e-patrimonio> acesso em: 15 ago. 2015.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da Pele**: a arquitetura e os sentidos. Tradução de Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PAULA, Zueleide Casagrande de. **A cidade de Londrina e a Imagem do Patrimônio Edificado**: a Estação/Museu e a Secretaria de Cultura/ Casa da Criança. Patrimônio Histórico e Cultural – cidade de Londrina-PR. Alberto Gawryszewski (org.) Coleção História na Comunidade – volume 5, LEDI, 2011.

POLLAK. Michel. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15. 1989.

RAISZ, Erwin. **Cartografia geral**. Rio de Janeiro: Científica, 1969.

REGO, Renato Leão. **As cidades plantadas**: os britânicos e a construção da paisagem do norte do Paraná. Londrina: Humanidades, 1ª edição. 2009.

RICOEUR, Paul. A Triplice mimese. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. Campinas. Papyrus. 1994

RODRIGUES, Marly. De quem é o Patrimônio? Um olhar sobre a prática preservacionista em São Paulo. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 24, 1996

Schwartz, Widson. **Poder emergente no sertão**. 1ª edição. Londrina: Midiograf, 1997..

SHIMBA, Otávio Yascuo, UREN, Flávio Henrique da Rosa. **Londrina Cidade Cenário**: 65 anos de Londrina. Londrina: Midiograf, [19_ _].

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Coletânea Arquivos Fontes e Novas Tecnologias**: questões par a história da educação. Campinas: Autores associados, 2000.

SOARES, André Luiz Ramos (org.). **Educação Patrimonial**: Relatos e Experiências. Santa Maria: UFSM, 2003.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Artigas e Cascaldi**: Arquitetura em Londrina. Atelie Editorial, 2003.

_____. **Idealizações de Modernidade**: Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina. 1949 – 1969. Londrina. Editora Kan, 1ª edição, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

VERNANT, J. P. Mythe et pensée chez les Grecs: **Études de psychologie historique**. Paris: Maspero, 1965.

VIDAL, Diana Gonçalves. De Heródoto ao gravador: história da história oral. **Resgate**, Campinas, SP. n. 1, 1990.

WEIL, Simone. **L`enracinement**. Paris: Gallimard, 1949.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da memória**: paisagens de Londrina; apresentação Yoshiya Nakagawara Ferreira. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

_____. **Iconografia Londrinense**. Apresentação: Sylvio Sawaya; [prefácio] Yoshiya Nakagawara Ferreira. Londrina: Edições Humanidades, 2003.

ZANI, Antonio Carlos. **Arquitetura em madeira**. Londrina: EDUEL, 2004.

_____. Casas de Madeira em Londrina. Alberto Gawryszewski (org.). **Patrimônio Histórico e Cultural**: cidade de Londrina – PR. Coleção História na Comunidade. Londrina: LEDI. v. 5, 2011.

_____. **Repertório arquitetônico das casas de madeira de Londrina – PR**. Londrina: Autor, 2005.

ZORTÉA, João Alberto. **Londrina através dos tempos e crônicas da vida**. São Paulo: Juriscredi, 1975.

ANEXOS

ANEXO A

Ficha Catalográfica do Inventário das Casas de Madeira

FICHA – CASA DE MADEIRA

- 1 – DATA DA ENTREVISTA: _____ HORÁRIO: _____
 1.1 – ENDEREÇO DA CASA: _____
- 2 – NOME DO ENTREVISTADOR: _____
- 3 – NOME DA EQUIPE: _____
- 4 – TIPO DE RESIDÊNCIA/MORADIA:
 () ALUGUEL () PROPRIETÁRIO
- 4.1 – NOME DO PROPRIETÁRIO:

- 4.2 – NOME DO LOCATÁRIO:

- 4.3 – METRAGEM DO TERRENO: _____
5. – CASA: TOTAL MADEIRA () MISTA () OUTRO
 [ESPECIFICAR]: _____
- 5.1. – EXISTE CASA NO TERRENO DE ALVENARIA: SIM () NÃO ()
- 5.2 – QUANTIDADE DE CASAS NO TERRENO: _____
- 5.3 – METRAGEM: CASA 01: _____ CASA 02: _____
 CASA 03: _____
- 5.4 – ANOS DE EXISTÊNCIA DA(S) CASA(S):
- 5.4.1 – CASA 1 _____
- 5.4.2 – CASA 2 _____
- 5.4.3 – CASA 3 _____
- 5.5 – TIPOLOGIA DA MADEIRA:
- 5.5.1 – DE JANELA: _____
- 5.5.2 – DE PORTA: _____
- 5.5.3 – DE PISO: _____
- 5.5.4 – DE TELHADO: _____
- 5.5.5 – DE FORRAÇÃO: _____

5.6 – QUANTIDADE DE COMPARTIMENTOS: _____

5.7 – ÁREAS DE ENTORNO CONSTRUIDA () SIM () NÃO

5.8 – ÁREA DE ENTORNO VAZIA: () SIM () NÃO

5.9 – JARDINS () SIM () NÃO

5.10 – HORTAS () SIM () NÃO

5.11 – TIPO DE PORTÃO: _____

5.12 – BARULHOS: () PAREDES () CHÃO () OUTRO

5.13 – QUANTAS PESSOAS MORAM NA CASA (DISCRIMINAR: SEXO, IDADE):

5.14 – O QUE A CASA DE MADEIRA REPRESENTA PARA O MORADOR:

OBSERVAÇÕES:

ANEXO B

Termo de doação ao NDPH – Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica



TERMO DE DOAÇÃO

Número

Pelo presente termo, eu Sonia Maria de Oliveira Dantas, brasileira, estudante, CPF 67367224972, RG 5052046-3 PR, domiciliada e residente à Rua Waldomiro Fernandes, 460, Jardim Jamaica, Londrina – PR, telefone (43) 9152-5542 (TIM), e-mail: soniamaria.dantas@hotmail.com, declaro doar ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica – NDPH –, da Universidade Estadual de Londrina – UEL –, *quarenta e duas (42) fichas catalográficas das casas de madeira da região central de Londrina/PR, acompanhado de uma (01) relação da quantidade de ruas com casas de madeira (24) e ruas sem casas de madeira (18).*

Estas fichas catalográficas fazem parte do subprojeto “O Inventário das casas de madeira na região central de Londrina-Paraná” e contem informações das casas e depoimentos dos moradores por escrito. Portanto, a doadora citada, dispõe sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade do material discriminado.

O Núcleo de Documentação e Pesquisa História – NDPH fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado material, especialmente os depoimentos no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

Londrina, 06 de Março de 2017.

Assinatura do Doador

Prof. Dr. Márcio Santos de Santana

Diretor do NDPH

ANEXO C

Termo de doação ao Museu Histórico de Londrina, Pe. Carlos Weiss



Universidade
Estadual de Londrina



MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA "Pe. Carlos Weiss"

TERMO DE DOAÇÃO

Nº 011/2017

Sonia Maria de Oliveira Dantas, portadora da RG: 50520463-Pr e CPF: 67367224972, domiciliada à Rua Valdomiro Fernandes, 460, Londrina-PR, centro, Cep: 86063-260, telefone, 43-991525542, transfere para o acervo permanente do Museu Histórico de Londrina "Pe. Carlos Weiss, Subprojeto (O inventário das casas de madeiras na região central de londrina-Paraná, Quarenta e Duas (42) Fichas, contendo informações das casas, com depoimentos de moradores por escrito, renunciando sobre os mesmos a quaisquer títulos de propriedade, os quais passam a pertencer ao Museu Histórico de Londrina, de acordo com a legislação em vigor. O Museu aceita e recebe a doação acima, incorporando-a ao seu acervo permanente. Para constar, assinam o presente termo em cinco vias, os doadores e o donatário, perante duas testemunhas.

Londrina, 08 de março de 2017.

Doadora

Sonia Maria de Oliveira Dantas

Donatário

Profª Drª Regina Célia Alegro
Museu Histórico de Londrina

Testemunha

Célia Rodrigues de Oliveira
Técnico em assuntos Universitários

Testemunha

Edeni Ramos Vilela
Técnico Administrativo